



STR
ANG
LOS
COP

E MOSTRA INTERNACIONAL
DE AUDIO, VIDEO/FILME &
PERFORMANCE EXPERIMENTAL

S **T** **R** | | | | | | | | | |
A **N** **G**
L **S**
C **O** **P**

E MOSTRA INTERNACIONAL
DE AUDIO, VIDEO/FILME &
PERFORMANCE EXPERIMENTAL

É com muita alegria que apresentamos a décima edição da nossa Strangloscope – Mostra Internacional de Áudio, Vídeo/Filme e Performance Experimental.

Aqui estamos novamente ocupando alguns dos espaços de arte e cultura da Fundação Catarinense de Cultura em Florianópolis, a qual agradecemos por, mais uma vez, abrir seus espaços a um programa de audiovisual de invenção e resistência que afirma a potência de criação artística experimental.

Agradecemos muitíssimo pelo renovado apoio do MIS/SC – Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina e pela nova parceria com o MASC – Museu de Arte de Santa Catarina, em especial ao Professor Rodolfo Joaquim Pinto da Luz, Presidente da Fundação Catarinense de Cultura e à Professora Sidneya Gaspar de Oliveira, sua assistente, pela aposta em nosso trabalho e patrocínio do Catálogo desta nossa 10ª edição, que será comemorada com a realização dos programas de exibição, performances, instalações, palestras, exposições e com o I Encontro Internacional de Curadores e Programadores de Videoarte e Cinema Experimental de Florianópolis.

Recebemos, pela primeira vez, a confiança e o apoio do Instituto Goethe de Porto Alegre, ao qual estamos totalmente agradecidos pela vinda dos dois grandes artistas Katja Pratschke & Gusztáv Hámos, que trarão um programa de Fotofilmes e uma Oficina de Fotofilmes para atender a uma demanda crescente de interesse em uma experiência cinemática que é pura criação artística.

Agradecidos também estamos à Embaixada da Espanha no Brasil e Cooperação Espanhola, Sociedad Cultural Brasil-España, pelo apoio com fundos para trazer o casal de artistas residentes em Barcelona, Adriana Vila e Luis Macias, que realizarão Performance em Cine Expandido além da curadoria de um programa de Cinema Espanhol Experimental.

Os apoios renovados da SECARTE/UFSC – Secretaria de Cultura e Arte da Universidade Federal de Santa Catarina e do Cine Paredão/UFSC também foram responsáveis pela concretização da vinda do artista Paulo Meira, que terá um programa de exposição na sala de vídeo do MASC, permanecendo em cartaz por mais 40 dias a contar de sua abertura durante a nossa Strangloscope, a convite da equipe de direção composta por Josué Mattos e Edina de Marco.

Esta será a primeira Strangloscope com a parceria de O Sítio Arte Educação Coworking, sediará duas oficinas de convidados internacionais da nossa Mostra e também os eventos de pré-abertura e encerramento desta 10ª edição da Strangloscope. No dia 8 de novembro, durante a pré-abertura, receberá a Masterclass de André Parente & Kátia Maciel e nos apoiará com a vinda da artista e com a hospedagem do casal, além de co-produzir a exposição instalativa de parte do nosso programa de videoarte e instalações em seus espaços expositivos, permanecendo aberta ao público durante a temporada da Strangloscope.

Aos curadores e programadores nacionais e internacionais aos quais confiamos as programações sob o tema Territorialidades, agradecemos a participação e festejamos mais esta oportunidade de trabalharmos em conjunto em prol da ampliação dos espaços de exibição para o audiovisual experimental.

Arte experimental que ativa, move, resiste e se rebela contra os padrões ordenadores da convenção e busca expressar-se livremente, rompendo as fronteiras de quaisquer territórios que pré-condicionem a arte e a existência dos sujeitos.

Sejam todos bem-vindos à 10ª Strangloscope – Mostra Internacional de Áudio, Vídeo/Filme e Performance Experimental.

Duo Strangloscope

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ||||| 08

Territorialidades, por Duo Stranglescope

MASTERCLASS ANDRÉ PARENTE & KÁTIA MACIEL ||||| 10

Debate com mediação de Raquel Stolf

MASTERCLASS THOMAS ISRAËL ||||| 12

EXPOSIÇÃO OS JARDINS DE PAULO MEIRA NO MASC ||||| 14

PROGRAMAS EM TELAS _____

TIME is Love.10 - International video art program ||||| 16

por Kisito Assangni

LAU FOCARAZZO (Argentina) ||||| 18

Territórios e fronteiras do cinema experimental

CÓDEC (México) ||||| 20

por Erick Tapia

OBLÍQUA (Portugal) ||||| 22

por Paulo B. Menezes

TIMELINE BH ||||| 24

Pós-digitais, por Joacélio Batista e Sávio Leite

NOW&AFTER (URSS) ||||| 26

Em busca de um ambiente vivo, por Marina Fomenko

AXWFF (EUA) ||||| 28

por Lili White

MIDEN (Grécia) ||||| 30

Pensando ironicamente sobre o conceito de Territorialidades, por Margarita Stavradi

VISUAL CONTAINER ||||| 32

Troca de território: da terra à mente, por Alessandra Arnó

IBRIDA FESTIVAL DELLE ARTI INTERMEDIALI ||||| 34

por Francesca Leoni

PROGRAMAS EM SALA ESCURA _____

HAMBRE - ESPACIO CINE EXPERIMENTAL ||||| 36

Territórios existências ou o que vem a ser entrar na floresta,
por Sebastian Wiedemann

BIENAL DE LA IMAGEN EN MOVIMIENTO ||||| 38

MOSTRA DO FILME LIVRE – MFL ||||| 40

Quando a luz apaga, o sonho começa,
por Diego Franco

LEC – LABORATÓRIO DE CINE EXPERIMENTAL ||||| 42

por Elena Pardo & Morris Trujilo

EIFF – EDIMBURGH INTERNATIONAL FILM FESTIVAL ||||| 44

Gestos e Texturas: Cinema Experimental Contemporâneo
do Reino Unido, por Kim Knowles

PHOTOFILM ||||| 46

por Katja Pratschke & Gusztáv Hámos

CURTA OITO | Festival Internacional de Cinema Super-8 ||||| 48

por Fábio Allon

MARFICI, Festival Internacional de Cine Independiente de Mar del Plata ||||| 50

Trem de sombras, por Verónica Paz, Oscar Álvarez e Jorge Cappelloni

MOVE CINE ARTE ||||| 52

Os filmes e as placas tectônicas de vida e de obra,
por Andre Fratti Costa e Steve Bisson

PHENOMIA - CRATER LAB
Cine experimental espanhol ||||| 54

RISCO Cinema
FILMES DE YURI FIRMEZA ||||| 56
por Luiz Garcia

FOCO HELDER MARTINOVSKY
DEVIR RIVER ||||| 58
por Duo Strangloscope

FOCO ANDRÉ PARENTE ||||| 64

FOCO KIKA NICOLELA ||||| 66

INSTALAÇÕES _____

ARTHUR TUOTO
AQUILO QUE FAZEMOS COM AS NOSSAS DESGRAÇAS ||||| 68
Territorialidade da Imagem, por Alisson Ávila
CEN – CINE ESQUEMA NOVO

KÁTIA MACIEL
UMA ÁRVORE ||||| 72

CLÉLIA MELLO
IMPERMANÊNCIA ||||| 74

TiroTTi
SERES AFETUOSOS ||||| 76

PATI PECCIN & SARAH PUSCH
CARTAS PARA ABRIR ||||| 77

DUO STRANGLOSCOPE
IN NATURA ||||| 78

PERFORMANCES _____

MESMO O SILÊNCIO É CAUSA DE TEMPESTADE ||||| 80

Filme Performance de Luis Macias e Adriana Vila, Crater Lab

RISCO ||||| 82

PERFORMANCE SONORA

MIRAGEM – MÚSICA ELETRÔNICA ORGÂNICA ||||| 83

DIOGO DE HARO

ESPELHO SONORO ||||| 84

RODRIGO RAMOS

ANECOICA

Distribuição e ação ||||| 85

OFICINAS _____

I ENCONTRO INTERNACIONAL DE CURADORES E

PROGRAMADORES DE VIDEOARTE E CINEMA

EXPERIMENTAL EM FLORIANÓPOLIS ||||| 86

EXPANDED CINEMA

OFICINA DE CINEMA EXPANDIDO ||||| 88

Luis Macias e Adriana Vila

PHOTOFILM: CRISTAIS DE TEMPO E IMAGENS ESTRATÉGICAS ||||| 90

Katja Pratschke & Gusztáv Hámos

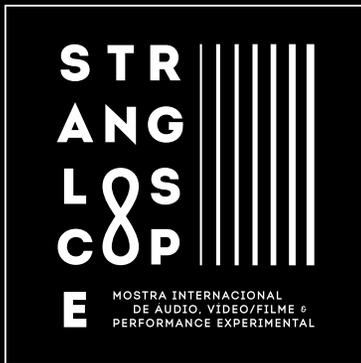
A IMAGEM FORA DA TELA ||||| 92

Thomas Israël

GRADE DE PROGRAMAÇÃO _____

HORÁRIOS, DATA E LOCAIS ||||| 94

APOIOS E AGRADECIMENTOS ||||| 99



TERRITORIALIDADES

10ª. edição da Strangoscope Mostra Internacional de Áudio, Vídeo/Filme e Performance Experimental

A escolha do termo “territorialidades” no plural refere-se tanto ao foco numa discussão dos aspectos do experimentalismo audiovisual dirigido às diferentes técnicas, bitolas, matérias (o uso da tecnologia como ferramenta conceitual), como também aos territórios geopolíticos, de gênero, etc.

Ao mesmo tempo em que nos empenhamos em discutir as crises ecológicas, as mudanças climáticas, o furor capitalista em sua decadência, também o sentimento de impotência torna-se um fantasma que nos persegue. O autoritarismo e a violência, a precariedade e o pavor assumem um lugar preponderante em nossas vidas. Como evitar o medo da dor e do sofrimento, o medo da violência? Uma aparente inocência trai a sociedade de repressão e vigilância. Imagens fortes trazem a ruína do natural e do social que carece e aposta muitas vezes numa perspectiva romântica para se tornar denúncia conceitual.

Perguntamo-nos se é possível que as micro-revoluções possam ser feitas através de plataformas artísticas. Como questionar a prática da arte do indivíduo, do artista que se vê simplesmente como um profissional em busca de sua carreira, dependendo das leis do mercado que vê a arte como uma mercadoria?

Difícil.

Por outro lado, uma vez que haja a persistência dos gestos artísticos utópicos que contêm um poder revolucionário, nos sentimos encorajados a manter a esperança mesmo diante de uma visão distópica.

Talvez.

Uma multiplicidade de curadores de nacionalidades, gêneros e faixas etárias diferentes traz suas seleções para esta edição da Strangloscope que exibirá uma grande variedade de plataformas: videoarte, cinema experimental, instalações, performances de cine expandido, mapping em performances tecnológicas, intervenções específicas do site, etc.

Estaremos diante de possibilidades reais de encontros, fricções, afecções.

As práticas experimentais audiovisuais têm em comum serem compostas por imagens, mas as imagens não são simplesmente reflexões passivas. As imagens são o que ali pensa.

"[...] algo no mundo nos obriga a pensar. Este é um objeto não de reconhecimento, mas um encontro fundamental " Deleuze.

Qual é esse encontro de que Deleuze fala?

Um encontro genuíno é um choque ou sacudida, forçando uma ruptura, e ruptura com a convenção. Ao contrário da representação que reforça o mesmo e condiciona hábitos de pensamento convencionais, a força afetiva do encontro nos obriga a pensar de outra forma, e a desenvolver uma nova imagem de pensamento.

Aí uma possibilidade política, uma via, uma veia.

Se permanecermos pensando com Deleuze, podemos tomar-lhe o pensamento sobre a montagem no cinema, quando ele afirma que neste processo intelectual o que está sob o choque pensa o choque, e trazermos para o audiovisual experimental. Talvez aí, no encontro com essa imagem de pensamento não representacional possa ser expressa a capacidade da imagem em gerar novas linhas de pensamento através do choque. O experimental e a experimentação desde a montagem como também em todos os processos desviantes que retornam do pensamento para a imagem através do choque afetivo. Assim como, ao pensar a montagem, Deleuze realocaliza a origem do pensamento do espectador para a imagem, também no audiovisual experimental as imagens já não passivamente "representam" ou "imitam" o pensamento filosófico, mas são capazes de gerar seu próprio projeto teórico.

E talvez resida aí alguma possibilidade de subversão.

Duo Strangloscope

MASTERCLASS ANDRÉ PARENTE & KÁTIA MACIEL

André Parente – Cinema de Artista: da produção de filmes ao cinema expandido

A palestra tem como objetivo analisar as principais tendências do cinema de artista no Brasil, desde a produção de filmes à produção de cinema expandido. Veremos que o cinema expandido convoca uma variada terminologia (pré-cinema, cinema dos primeiros tempos, vídeo, instalação interativa, etc) uma vez que muitas vezes cria um processo de hibridização de tecnologias. Começaremos por estabelecer uma história do cinema de artista e do cinema expandido, contextualizando a produção em relação ao esgotamento do repertório modernista no pós-guerra e a certas transformações ocorridas na cena internacional. A ideia é mostrar como a produção de imagens em movimento pelos artistas no Brasil foi não apenas extensa, mas abrange obras seminais que mereceriam destaque na cena americana ou europeia.

André Parente | Artista, pesquisador do CNPq, professor titular da UFRJ, teórico do cinema, arte contemporânea e novas mídias.

Kátia Maciel – A influência do Cinema na trajetória artística

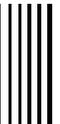
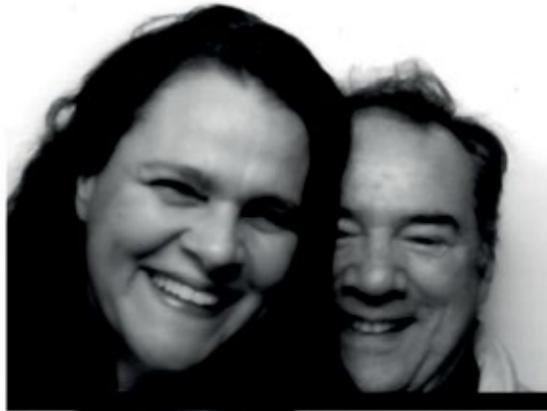
A obra da artista investiga o imaginário próprio das imagens em suas relações com a paisagem, os objetos, a palavra e os clichés amorosos. Em seus vídeos e instalações, a influência do cinema é flagrante na escala, na poética do movimento, na desnarrativa, em sua expansão para além da tela como modo de incluir o espectador. Uma certa desrealização do mundo surge em colares que ocultam um rosto, mares que escalam o horizonte, árvores que se movimentam em paisagens fixas, bem como, na distorção entre os objetos e suas funções, e no reviramento na interação do que se vê com o que é visto, na presença de uma imagem que insiste em ser imagem de si mesma.

Kátia Maciel | Poeta, artista e professora titular da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Debate com mediação de Raquel Stolf.

Raquel Stolf | Artista e professora da UDESC, Graduação e no Programa de Pós-Graduação de Artes Visuais em Florianópolis.

Após as palestras e debate, haverá o lançamento do livro de poemas *Trailer*, de Kátia Maciel.



MASTERCLASS THOMAS ISRAËL

O artista multimídia baseado em Bruxelas, Thomas Israël, fará uma apresentação de suas principais obras - trabalhos imersivos e interativos sob a forma de instalações de vídeo, esculturas e performances de mapeamento corporal. Tendo começado sua carreira no teatro, sua abordagem atípica às artes digitais gira em torno dos temas do corpo, do tempo e do subconsciente. Seu trabalho foi exibido no MoMA em Nova York, na Society for Arts and Technology, em Montreal, no Le Musée des Abattoirs, em Toulouse, e em muitos festivais, exposições, galerias e museus em todo o mundo desde 2005. Ele é representado pela Galeria Charlot em Paris.





EXPOSIÇÃO OS JARDINS DE PAULO MEIRANO MASC

Sim, existe um outro eixo, pelo qual o mundo gira em 15 minutos no jardim de Alice. Podemos encontrá-lo entre a melodia ensurdecadora do quebrar de espelhos e o reflexo dos seus fragmentos. Trata-se de um desconcertado eixo produzido no rodopiar, sem fim e em sentido anti-horário, de um autômato equino.

Neste giro, passo a sentir a fria umidade do ambiente, percebo-me preparada para a tão anunciada passagem. Mas logo sinto ter me enganado, pois não passarei enquanto estiver aqui, em meio ao entoar desta ladainha. Não, não passarei, com tantas vozes girando em torno da minha animalidade querida: pelos que outrora a todos protegiam, agora me mantêm neste tempo suspenso, tempo de uma humanidade aparentemente esquecida.

Como vocês chegaram neste jardim? Todos foram teletransportados pelo raivoso domador de sonhos?

Os personagens do jardim de Alice desafiam as proezas do inteligível, proezas tão comuns à experiência imagética desse [nosso] milênio da ordem comunicacional. Por 15 minutos, deslizamos pelas camadas do exterior da construção de sentido, deslizamos até que chega o instante de penetrar no tempo da ordem do inconciliável. Paradoxo? Ora, não sabemos ser o paradoxo o elemento condutor de Carroll? Mas respostas nunca deram conta a um proliferar de indagações. Portanto, vamos deixar fora do jardim as certezas, as organizações, as finalizações. Nem a morte, aqui tão presente, encerra o fluxo de acontecimentos. Antes, a morte mostra-se sem pudor, sequer dissimula sua charmosa tirania: sob o rufar dos tambores – memória do terror – exhibe uma bela mulher a renovar o corpo do sacrifício.

Quanto tempo se passou? O ponteiro gira ao contrário, outro paradoxo – não esquecer – aqui todos possuem o não-tempo.

Bastam 15 minutos para a intimidade cravar singularidades. Contudo, apenas quando se trata da intimidade capaz de produzir a experiência do mínimo, ou melhor, a tão rara "experiência do fundo". Este "fundo", no jardim de Alice, faz-se numa imagem-ação: o rastejar de uma longa barba entre poças, cujas circunvoluções em suas ínfimas águas dão a ver seres debatendo-se em luta pela vida. Porém, é preciso atentar às velocidades dessa imagem-ação, que rapidamente transmuta-se em fino traçado. Agora, já não é uma imagem-ação, e sim uma imagem-desenho, que é mesmo uma outra camada do espaço-tempo de Carroll. Camada que, por sua vez, é atravessada e atravessa (duplo movimento, dupla hélice, e também o par de orelhas de um velho e sábio coelho), tanto o muito pequeno e frágil quanto o muito grande e forte (não esquecer: aqui tudo é aparência, o mais frágil pode ser, portanto, o mais forte e vice-versa). E agora, nesta imagem-desenho-camada, me imagino imersa no espaço-tempo do biológico, no





espaço-tempo-trama, fina trama de existências no mundo das coisas. Imaginação-risco: risco de deslizar, pra sempre, na dupla camada deste sonho. Mas como rejeito evitar, deslizo. E vou até o fundo, onde, entre ruínas atravessa o elegante vulto de Alice.

Como vim parar aqui? Ora, por que saber! Sequer passaram 15 minutos...

Oriana Duarte, Artista Plástica, Doutora em Comunicação e Semiótica.

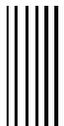
O Marco Amador – sessão Las Outras, 28’, 2004

O Marco Amador – sessão Cursos, 23’, 2006

O Marco Amador – sessão 15 Minutos no Jardim de Alice, 16’, 2009

Épico Culinário – 24’, 2013

Paulo Meira (Arcoverde, PE, Brasil) | Bacharel em Design, Universidade Federal de Pernambuco, 1996. Artista Visual, Videoartista, Performer. Indicado ao Prêmio Pipa em 2013 e em 2016. Representado pela Galeria Amparo.



PROGRAMAS EM TELAS



Fragmento de Memória



TIME is Love.10 - International video art program

TIME is Love Screening (TEMPO é Amor) é um programa de videoarte viajante com o tema do amor em tempos difíceis

Curadoria de Kisito Assangni

S-map-Phone – Abdoul-Ganiou Dermani, 3'15", Togo, 2016

Teatro de Anatomia (Anatomy Theater) – Alessandro Amaducci, 4'30", Itália, 2012

Ecos de um Abraço Esquecido (Echoes of a Forgotten Embrace) – Apotropia, 4', Itália, 2016

Fragmento de Memória (Fragment ed Memory) – Clara Aparicio Yoldi, 3'04", Espanha, 2013

Não há limite para seu amor (There is no limit to your love) – Clara Aparicio Yoldi, 4', Espanha, 2016

O Dicionário Serial (The Dictionary Serial) – Joas Nebe - The ocean, 4'16", Alemanha, 2016

O Amor queima no medo (Love burns in fear) – Liliana Orbach, 10'39", Israel, 2011

O Prazer das Ruínas (The Pleasure of Ruins) – SN, 3'50", EUA, 2016

O Jogo (The Game) – Tahir Un, 2'55", Turquia, 2014

Não dura para sempre (It can't Go Forever) – Zlatko Cosic, 3'30", Bósnia, 2016



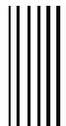
O Dicionário Serial

Sobre o curador

Kisito Assangni é um curador togolês-francês, pesquisador e produtor que estudou museologia na École du Louvre em Paris. Investiga os modos de produção culturais que combinam teoria com prática. Assangni é profundamente envolvido com vídeo, performance e som experimental.

www.timeisloveshow.org

www.facebook.com/timeisloveshow



LAU FOCARAZZO

[...] a era contemporânea organiza um jogo complexo de deslocamentos e relocações, desterritorializações e reterritorializações, des-auratizações e re-auratizações [...]” (GROYS 2014: 63)

Territórios e fronteiras de cinema experimental

Cada demarcação envolve estabelecer o que esta define e o que excede. Com intuito de listar algumas características do território do cinema experimental, nós podemos começar dizendo que este não busca reproduzir a realidade, mas sim interpretá-la ou expô-la de modo que possamos percebê-la.

Incorporar o território do cinema experimental requer um processo alquímico que começa com a manipulação do artefato, trabalhando com celuloide, até a criação poética. Encarando esta missão – que pode emergir no momento da gravação de imagem ou durante o processo destas, ou até mesmo durante a intervenção direta com o filme ou a projeção –, estes cineas-





Água Viva



Post Diosa Mexicana



Metria

tas produzem a partir do paradoxo do falso movimento – ao qual o cinema nos mantém tão acostumados – uma área intermediária entre tempo e espaço que demanda que nos situemos mais próximos ao processo de sentir ao invés de entender.

Entretanto, não é suficiente apenas declarar um território. É preciso que seja reconhecido fundamentalmente como tal por aqueles dentro e fora de seus confins.

Encontrar festivais que consigam prover a infraestrutura necessária para projetar em formato analógico acaba sendo muito complicado. Ao encarar este conflito, eu não posso deixar de me perguntar se estas limitações não acabam por ser o último bastião no qual cineastas experimentais conseguem estabelecer e manter sua soberania em um oceano de imagens fracas. Exibir seus filmes em um formato digital constitui um ato político sem nenhuma dúvida: o ato de dar visibilidade ao filme para empoderá-lo.

“Toda arte é poesia, e a poesia tem a obrigação de estar à frente da linha de fogo”, diz Mekas, e isso parece refletir nestes trabalhos fílmicos que exploram diferentes formatos, investigam dentre as encruzilhadas e tornam o evento cinematográfico uma afirmação poética.

Curadoria de Lau Focarazzo

Post Diosa Mexicana – Ernesto Baca, 3’02”, Super-8, Argentina, 2017

S/T -5’15” – Benjamín Ellenberger, Super-8, Argentina, 2016

359 Diapositivas 2013 - 2016 – Leonardo Zito, 3’36”, 35mm/HD, Argentina, 2016

Água Viva – Luciana Foglio, 8’07”, Super-8, Argentina

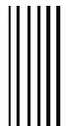
Metria – Melisa Aller, 3’30”, Super-8, Argentina, 2014

Ânima (Spirit) – Clara Frías, 6’30”, filme/video, Argentina, 2015

Fotoxidação – Pablo Mazzolo, 13’, Super-8, Argentina, 2013

Sobre a curadora

Laura Focarazzo é uma videoartista e curadora independente. Ela vive em Buenos Aires, Argentina. Seus trabalhos incluem filmes e vídeos experimentais, bem como trabalhos de curadoria.



CÓDEC

As obras escolhidas aqui estão em busca de algo, material ou imaterial, a necessidade de nos expressarmos para questionar ou transmitir uma sensação na hora, um som, um sentimento, um vazio, memórias. Cada obra procura formas diferentes de transmitir o território ao qual pertencem, e gritá-lo ao mundo.

Curadoria de Erick Tapia

San Pedro: El Libre – Sergio Hibrain Bañuelos, 8'51", México, 2015

Narké – Adán Salvatierra, 3'15", México, 2014-2015

Postdata – Juan Pablo Romo Álvarez, 7', México, 2016

Memoria – Dianela Torres, 2'22", México, 2015

Tormenta – Mauricio Sáenz, 5', México, 2014

Lo que sobró del cielo – Rafael C. Ibarra, 3', México / Portugal, 2016

Sickness – Julio Valdez, 3', México, 2016

San Pedro: El Libre



Sobre o curador

Erick Tapia é artista multidisciplinar, agente cultural, curador focado em artes audiovisuais através de formatos analógicos e digitais. Fundador e diretor do Festival CÓDEC de Vídeo e Criações Sonoras, México.

<http://ericktapia.weebly.com>

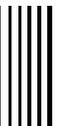
Tormenta



Sickness



Memória



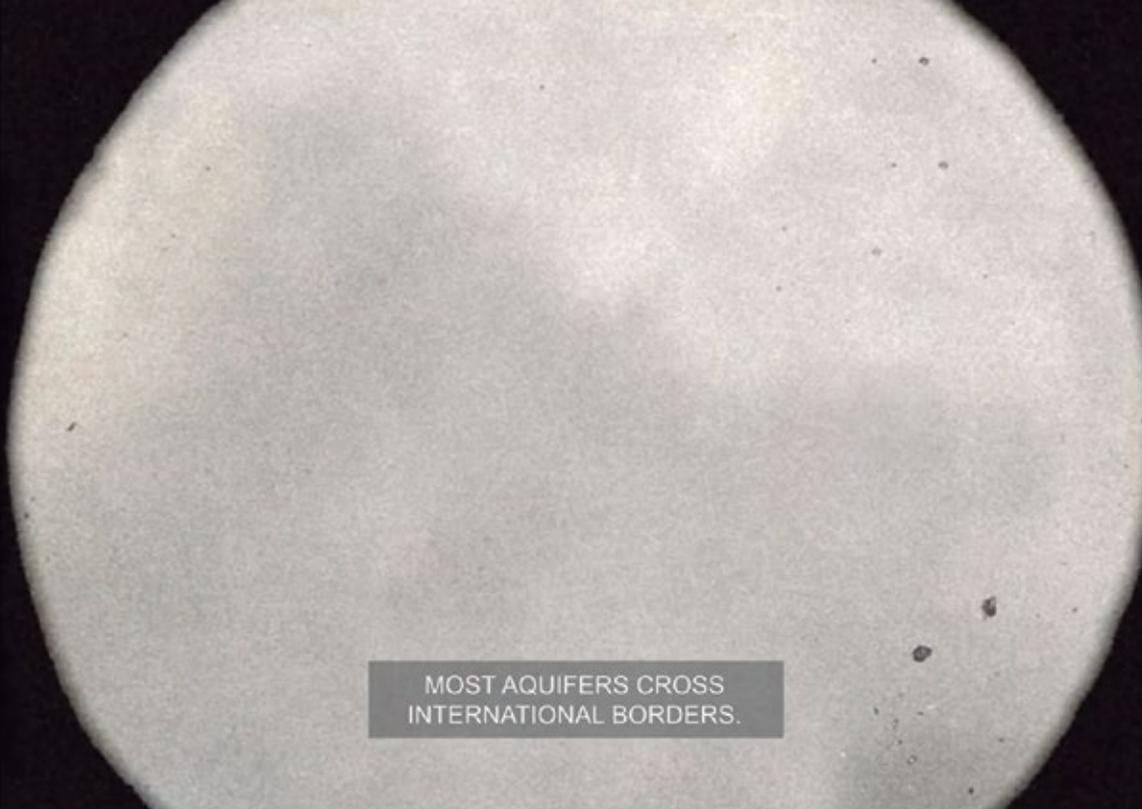
OBLÍQUA

Se a prática artística que nos une se presta à reflexão sobre como o digital modificou todos os aspectos da produção, realização (processamento/composição) e exibição da Imagem em Movimento, é-nos impossível dissociar as questões formais e socioeconômicas implícitas nessa mesma reflexão.

Tal como cada avanço tecnológico levou ao aparecimento de um novo gênero artístico (a película deu origem ao cinema experimental; o vídeo analógico, à videoarte; a electrónica, à geração de imagem por computador), podemos considerar-nos num quarto momento da história da imagem em movimento experimental, um em que a descida dos custos de produção resultou num aumento de autores e, inerentemente, na diversidade de abordagens formais e na pluralidade de pontos de vista. Talvez pouco reste do que a imagem em movimento experimental era há 20 anos atrás, senão aspectos formais como a imprevisibilidade temática, a profundidade emocional/visual/significativa e a procura constante de atingir algo em particular sem o recurso a fórmulas preexistentes. Da mesma forma, esta possibilidade de estabelecer pontes de diálogo internacional sem as restrições/censura do sistema vigente de circuitos fechados elitistas ou das barreiras geográficas. Apesar das eternas dificuldades da prática artística, talvez nunca tenhamos sido tão livres no que toca a nossa necessidade de expressão pessoal quanto nos dias de hoje.

Cem Raios T'Abram





MOST AQUIFERS CROSS
INTERNATIONAL BORDERS.

Mining for ringwoods

Curadoria de Paulo B. Menezes

Mining for ringwoods – The inhabitants, 3'47", 2016

Lótus – Tânia Moreira David, 1'06", SD, 2016

Vórtice – Tânia Moreira David, 6'02", SD, 2014

Cem Raios T'Abram – 14', 16mm (processado manualmente), 2012-2015

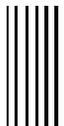
Landscape – Anabela Costa, 10'40", HD, 2012

Casa – Betty & Ema Outeiro, 1'32", HD, 2012

Meia-luz – Giuliane Maciel, 5'07", HD, 2016

Sobre o curador

Paulo B. Menezes nasceu em Portugal em 1976, interessou-se pelas artes na infância, o que o levaria ao cinema, literatura, fotografia, música e pintura numa diletância naif. Em 2002, dedica-se à edição de música experimental fundando a editora Plancton Music. Estudou cinema, momento em que inicia a criação de um número de peças de videoarte e cinema experimental. Mais recentemente, dedicou-se também à programação de videoarte & cinema experimental através da Obliqua.





TIMELINE

Um

PÓS-DIGITAIS

Belo Horizonte é uma cidade emblemática no desenvolvimento da videoarte brasileira. Desde a década de 80, autores e obras se destacaram nacional e internacionalmente. Estamos já na quarta geração dessa produção que, de uma forma pontual, o TIMELINE – Festival Internacional de Videoarte vem mapeando essa nova safra. A cidade e todo o seu imaginário, suas histórias, suas contradições servem como espelho para novas imagens que povoam o repertório desses novos realizadores.

A palavra e a grafia dessas palavras corroboram para reforçar a narrativa. Além da cidade, os afetos ainda continuam em alta. Cenas familiares, amigos e pessoas remetem ao cinema de Chantal Akermam (1950-2015), criando uma dimensão reflexiva usando o exterior para que essa relação se estabeleça num fluxo de tempo capturado através de lentes inquietas e fragmentadas. Essa escala mínima e doméstica revela e reforça a potência do cotidiano. Micro ações que sempre descobrem reverberações no macro da sociedade. E o que vemos é uma sociedade plural e diversificada. Uma auto interpretação coletiva.

Essa geração, que já nasceu durante a década de 1990 e coincidentemente com a popularização das câmeras portáteis, já veio ao mundo com suas imagens retratadas pela narrativa de seus familiares, como se a câmera fosse uma extensão do corpo. Ela sabe usar essas imagens para recortar o que mais lhe chama a atenção, ao mesmo tempo que marca a passagem do tempo e tenta colocar uma ordem na forma caótica de reorganização.

Curadoria de Joacélio Batista & Sávio Leite

Siso – Randolpho Lamonier, 2017, 3'20", 2017

Procura-se clímax através de um binóculo – Jeannie Helleny, 1', 2017

Um – Victor Galvão, 4', 2017

De Frente para o Mar – Dayane Gomes, 4'04", 2017

Todas as casas menos a minha – Julia Baumfield, 20 min, 2017

IMUS – Bruno Ivas, 4', 2017

é saudade – Francisco Pereira, 2'12", 2017

Eu, robô – Sara Não Tem Nome, 10'54", 2017

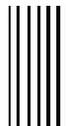
Sobre os curadores

Joacélio Batista vive e trabalha em Belo Horizonte, Brasil. Mestre em Criação Artística Contemporânea pela Universidade de Aveiro, Portugal. Graduado em Cinema de Animação e Desenho na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atua como Artista Visual e filmmaker. Sua pesquisa artística se faz no ruído que emerge das tentativas de tradução que procuram entender o outro. Uma estética que surge nesse lugar, de encontros e desencontros, onde é possível encarar todas as tentativas de compreensão limitadas pela individualidade de cada ser.

Sávio Leite (Brasil, 1971) estudou Comunicação e é Mestre em Artes Visuais pela UFMG. É diretor de curtas-metragens, professor de cinema de animação no Centro Universitário UNA e coordenador de workshops de vídeo e imagem, tendo colaborado ainda em vários projetos cinematográficos. Seus trabalhos foram apresentados e premiados em importantes festivais ao redor do mundo. Nominado três vezes ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro. Foi júri em festivais na Finlândia, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Armênia e em diversos outros no Brasil. É curador junto ao Grupo de teatro Officina Multimídia da Mostra de Cinema: Cultura, Arte e Poder, realizada há oito anos, que integra a programação do Verão Arte Contemporânea de Belo Horizonte. Fundador e um dos diretores do TIMELINE – Festival Internacional de Videoarte de Belo Horizonte.



De Frente para o Mar



INTERNATIONAL VIDEO ART FESTIVAL NOW&AFTER

EM BUSCA DE UM AMBIENTE VIVO

O ambiente de vida tanto como habitat como meio vital é a área de interesses dos artistas. Eles nos convidam para adentrarmos o espaço em que vivemos e trabalhamos. Eles dizem respeito a um sutil equilíbrio de relacionamentos em que a existência de seres humanos e de todos os seres vivos implica a dependência uns dos outros. Eles nos lembram que todos somos uma parte da vida na Terra, somos uma parte do mundo que nos rodeia.

Curadoria de Marina Fomenko

Untitled – Marco Fedele di Catrano, 5'30", Suíça, 2014

Tottori – Luca Ferri, 6', Itália, 2016

Modus Operandi / Afloat – Marina Fomenko, 8'19", 2016

Entro(SCO)py – Marie-France Giraudon, 15'30", Canadá, 2016

Pony – Seyit Battal Kurt, 2'47", Países Baixos, 2012

Biblimlen – Axandra Pirogova, 9'57", Rússia, 2013

Body of Knowledge – YunTing Tsai, 1', Taiwan, 2012

Leave Me Alone – Dasha Vlasova, 2'22", Rússia, 2013

The Home – Tushar Waghela, 4'54", Índia, 2014



Leave Me Alone



Biblimlen

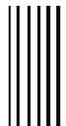
Sobre a curadora

Marina Fomenko é diretora / curadora fundadora da International Video Art Festival Now&After. O Festival Internacional de Videoarte Now&After é realizado em Moscou desde 2011. Now&After concentra-se em apresentação, desenvolvimento e promoção, tanto de videoarte russa como internacional. Tradicionalmente, o festival ocorre no espaço do museu, onde durante algumas semanas o programa do festival é exibido como uma instalação de vídeo multicanal. Now&After foi realizado no Museu de Arte Moderna de Moscou, no Museu Estadual da História do Gulag e no Museu de Arquitetura do Estado de Schusev, no Museu Estadual de Darwin. O festival é organizado pela Media Art Center Now&After, organização sem fins lucrativos que colabora com organizações culturais na Rússia e no exterior apresentando suas coleções a nível nacional e internacional.

www.now-after.org



Entro(SCO)py



AXWFF

NATUREZA: os fenômenos do mundo físico coletivamente, incluindo plantas, animais, a paisagem, e outros produtos e recursos da terra, em oposição aos humanos e criações humanas.

Quais os nossos limites? O que sentimos na pele? Ou podemos ir além disto?

Por onde começamos? Pela observação dos olhos – perfurando nossos cérebros? Por que decidimos que algo do mundo material não é igual a nós? Só tornamos “nosso” aquilo que pudermos comprar?

Você acrescentará suas próprias idéias ao assistir estas obras. Eis aqui um resumo das minhas:

DEJAR encaixa o abstrato e o “real” que lutam entre dois opostos de luz e escuridão. É no início, assim como no fim. A sonoridade acrescenta uma textura: “a romper, a destruir, y continuar, (sigue) a vivir” se traduz ao português como “romper, destruir e continuar a viver”.

O GUIA DO MOCHILEIRO PARA A SIMBIOCENA nomeia o medo para nós. Vivendo na era de destruição geológica atual, podemos encontrar uma forma de co-existir com a natureza? As três telas em VERDE ESMERALDA apresentam pessoas na jornada para encontrar a cor principal da Terra. Enquanto em CURTA DO TELHADO, um indivíduo em cima de um prédio da cidade, visível ou não, parece preso em um som opressivo, aparentemente ligado à sociedade. A imagem sonora saturada em RESETE-ME nasceu de uma máquina de lavar, age como um intervalo neste contínuo de filmes, trazendo-nos à segunda parte do programa.

Pode ocorrer uma mudança: “O ser superior traz ordem do caos”.

#3 BROTO recruta ajudantes: trabalho conjunto de criação de canais públicos, gerando apoio para crescimento. Nossas mentes se re-agrupam com LEMBRO DO MEU SANTUÁRIO, cuja imagem de abertura apresenta uma Mãe DEUSA e sua cria. A projeção que estamos assistindo, de título TERRITÓRIOS, inicia em preto e branco; mas depois uma névoa cor-de-rosa toma conta da tela.

Podemos nos salvar?, e em resposta, começar a compartilhar o planeta – experienciar a NATUREZA com a mesma importância que damos uns aos outros? CRONOSCÓPIO sugere um novo começo onde flutuamos como borboletas. ROSE SELAVEE lembra-nos que carregamos opostos em nós: seu nome surge do retrato masculino-feminino de Marcel Duchamp. Existir em harmonia com nosso ambiente, a rosa precisa que a abelha continue uma existência futura. Estamos todos juntos ou não estamos de forma alguma...



Curadoria de Lili White

DEJAR – Caitlin Díaz - 5'44", EUA

THE HITCHHIKER'S GUIDE TO THE SYMBIOCENE (O GUIA DO MOCHILEIRO PARA A SIMBIOCENA) – Jenny Brown, 7'57", Austrália

EMERALD GREEN (VERDE ESMERALDA) – Carolin Koss, 14'07, Finlândia / Alemanha

ROOFTOP SHORT (CURTA DO TELHADO) – Evelin Stermitz, 2'56", Áustria

RESETE-ME – Rose Present, 2'44", Espanha

#3- BROTO – Lili White, 6'22", EUA

LEMBRO DO MEU SANTUÁRIO – Juliette Liautaud, 7'14", França

CRONOSCÓPIO – Sara Bonaventura, 3'22", Itália

ROSE SELAVEE – Coleen Fitzgibbon, 5'

Sobre a curadora

Lili White é diretora de ANOTHER EXPERIMENT BY WOMEN FILM FESTIVAL SCREENING SERIES (AXWFF), que oferece às mulheres um tempo e espaço reais em Nova Iorque!!! Cada um destes filmes experimentais foi selecionado à curadoria nesta ordem específica, pois formam uma linha de conexão que nos remete à crise de aquecimento global, nosso abuso em relação à TERRA, e à possível parceria e comunicação entre a humanidade e a Natureza.

<http://axwff.com> & <http://axwonline.com>



DEJAR



VIDEO ART MIDEN

"Pensando ironicamente sobre o conceito de Territorialidades"

Como usar o espaço como forma de comunicar domínios territoriais ou ocupações? Qual o impacto em nós e nos outros? Nesta seleção nós apresentamos uma série de diferentes leituras do espaço e das relações que se desenvolvem nele.

Curadoria de Margarita Stavradi

The Imaginative Space of Dance – Angela Mandilari, 3'35", Londres, 2003

"Vessels" – Panagiotis Voulgaris, 5'07", Grécia, 2012

Time Travel – Anna Vasof, 1'23", Grécia, 2017

Overexposed – Anna Vasof, 6'38", Grécia, 2015

Superm's diary-Chapter 03: You and I – Aggeliki Bozou, 4'35", Grécia, 2015

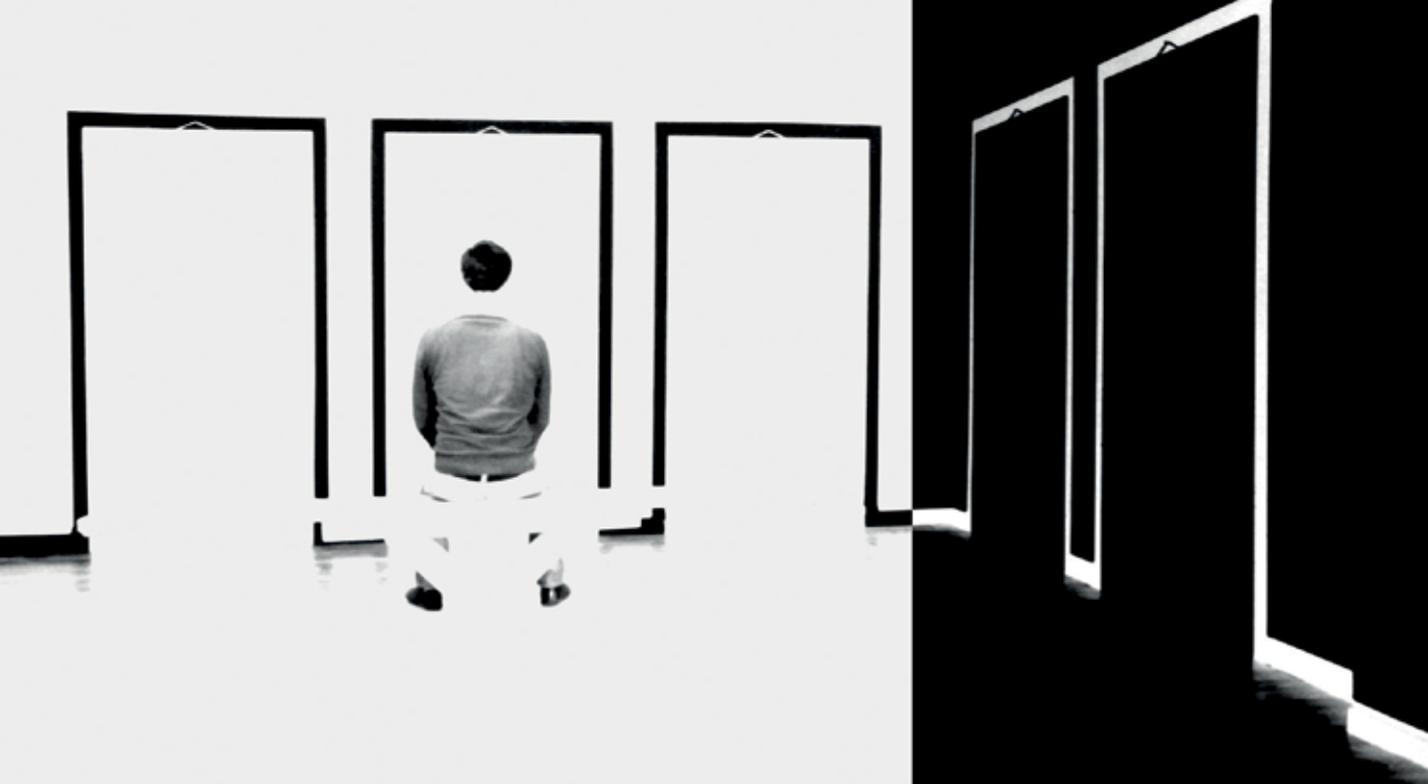
Aiming – Anna Vasof, 53", Grécia, 2015

The Multiself project – Athina Souli & Stavros Symeonidis, 2'23", Grécia, 2014

Bolsa de Arena (Bolsa de areia) – Marília Chrysospathi, 2'06", Grécia / Uruguai, 2014



Aiming



Overexposed

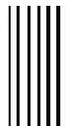
Sobre as curadoras do Video Art Miden

Miden* é uma organização independente para a exploração e promoção de videoarte. Fundada por um grupo independente de artistas gregos em 2005, foi um dos primeiros festivais especializados em videoarte da Grécia e construiu uma identidade de festival internacional, apresentando um festival de videoarte anual por uma década. Desde 2015, Miden continua seu trabalho mudando sua forma para uma programação de eventos mais flexível e ampla, estabelecendo como objetivos básicos estimular a criação de arte de vídeo original, para ajudar a espalhá-la e desenvolver pesquisas relevantes.

*Miden significa "zero" em grego.

Direção artística: Gioula Papadopoulou & Margarita Stavradi.

Info: www.festivalmiden.gr || www.facebook.com/festivalmiden



VISUALCONTAINER

Troca de território: da terra à mente

Espaço e território sempre foram temas importantes para a humanidade, ligados ao corpo, ao passar do tempo e à memória. Estratificações de lugares e territórios se misturam com a noção pessoal de espaço e a percepção pessoal do território em si através de nossas histórias, memórias e impressões. O corpo mede espaço e a mente faz o mesmo, da visão global à complexidade, mapeamento mental pessoal, até a percepção das fronteiras naturais e o conceito de



Migrations

“movimento” tanto físico quanto mental, através de um mapeamento mais extenso de possíveis estratégias de adaptação. De lugares acariciados pela contemplação e vividos como espaços íntimos e habituais a outros espaços que se modificam e se tornam hostis. O território mental e o desejo de se misturar com este. O território que eventualmente se torna uma extensão de um corpo.

A seleção apresentada pretende prover um mapeamento mais extenso das possíveis impressões que o território sugere, através da pesquisa visual de diversos artistas que experienciam as potencialidade formais e as diferentes linguagens de videoarte.

Curadoria de Alessandra Arnó

Weltanschauung – O mundo como vontade de representação - Matteo Pasin, 5'50", 2016

Gaia – Sonia Laura Armaniaco, 3'50", 2016

Migrations – Daniela di Maro, 5'13", 2011

00:00:01:00 – Eleonora Roaro, 1', 2016

Lapso de Vista (Lapse of View) – Barbara Brugola, 3'15", 2012

Fique ou saia voando? (Stay or fly away?) – Maria Korporal, 50", 2015

A imobilidade da árvore (The immobility of tree) – Patrizia Bonardi, 3'11", 2012

Exercício#49 (Exercise#49) – Enrico Bressan, 3'25", 2010

Movo sonambula o mundo (Muovo sonnambula al mondo) – Armida Gandini, 2', 2012

010 - Riccardo Muroni, 11'11", 2015

Res Nullius – Cristobal Catalan, 3'46", 2014

Temporário (Temporary) – Elisabetta di sopra, 5', 2013

Sobre a curadora

Alessandra Arnò é professora e pesquisadora de artes visuais eletrônicas, desde 2000 atua como videoartista e em 2008 fundou a plataforma *Visualettainer videoart*, atuando como curadora e gerente cultural da Visualcontainer, renomada plataforma italiana de videoarte e primeira distribuidora italiana de videoarte.

Visualcontainer, distribuidor italiano de videoarte, promove e distribui os trabalhos de videoarte listados em seu arquivo para exposições, projetos institucionais e educacionais e rastreio privado.

www.visualcontainer.org





Pneuma

Ibrida Festival delle Arti Intermediali

Territorialidade como conceito cultural e físico, como luta pelo poder, conquista do outro, limite que deve ser respeitado ou ultrapassado, mas também como parte de uma ocupação ou descoberta de um território ou ambiente.

São estes os conceitos que interligam esta série de nove videoperformances. Como um “fil rouge” que une uma obra a outra, passamos pela conquista do poder, ocupação de um espaço de supremacia, conflitos geracionais, até chegar aos vínculos interpessoais como a relação de equilíbrio e domínio entre dois seres. Territorialidade pode ser a descoberta do território do outro, mas também a descoberta e a conquista de um território dentro de si mesmo. Da individualidade passamos de novo ao território físico coletivo com ambientes que vão de edifícios, símbolos culturais da sociedade, até chegar aos espaços abertos da natureza. Todo esse percurso acontece através de diferentes técnicas visuais produzidas por um grupo de artistas italianos que, há anos, trabalham no panorama da videoarte, em nível nacional e internacional, por meio de abordagens de temas comuns, porém com técnicas distintas. As obras desta coletânea ultrapassam a videoarte para apresentar aquilo que eu chamo de “híbridos” (obras que misturam diversas expressões artísticas). São videoperformances onde a ação do “performer” (ou artista?) – entendido como performer puro, ator, ou dançarino – é fundamental para a veiculação da mensagem final.

Tais obras se valem de várias expressões artísticas. Tudo ao mesmo tempo: videoarte, teatro, fotografia e dança. A maioria dos artistas chegaram ao suporte vídeo por meio do teatro e/ou fotografia. E é no vídeo que descobrem uma expressão de arte que os conduz a infinitas possibilidades de criação.

Curadoria de Francesca Leoni

"The Struggle for power the fox and the wolf" – Elena Bellnatonni, 8'44", Itália

"Ego - Crazia" (Chapter 1) – Francesca Leoni, 8'25", Itália

"Challenge" – Elisabetta Di Sopra, 2'50", Itália

"Person-A" – Francesca Leoni e Davide

Mastrangelo, 4'20", 16:9, Itália

"Individuazione" (Identificação) – Francesca Lolli, 3'04", Itália

"Pneuma" – Antonello Matarazzo, 2'32", Itália

"The Cage" – Marcantonio Lunardi, 5'45", Itália

"Snags in Palladio" – Michele Manzini, 6'38", Itália

"Dov'era che non ero" – Salvatore Insana, 5'34", Itália

Sobre os curadores

Francesca Leoni e Davide Mastrangelo

A videoarte é a linguagem que mais cresce na Itália contemporânea e, nos últimos anos, vem produzindo uma nova linha artística e de criação, um novo modo de inquietar o público. O festival Ibrida acontece desde 2014 na cidade de Forlì (cidade da Emilia-Romagna) e tem como objetivo divulgar, em nível nacional, a cultura do vídeo enquanto suporte para o conteúdo de várias expressões artísticas.

Organizado pela associação Vertov Project e guiado pela dupla de "performers" e video-artistas italianos, Francesca Leoni e Davide Mastrangelo, o festival dialoga, por meio de parcerias e colaborações, com outros festivais internacionais, além de funcionar como um catalisador da videoarte italiana, divulgando-a dentro e fora da Península.



PROGRAMAS
EM SALA ESCURA



HAMBRE | espacio cine experimental

Territórios existências ou o que vem a ser entrar na floresta

A pergunta pelo que pode o território é fundante para Hambre | espacio cine experimental. E talvez, mais do que um espaço, sejamos promotores de espacialidades intensivas de compostos audiovisuais singulares que apostam numa forte experimentação na procura de novos campos perceptivos. O território pode dizer de uma latitude, pode se dizer latino-americano, local; mas também pode se dizer periferia, anomalia perceptiva. O território pode ser pensado como um gesto de possessão e distribuição entre os homens, mas ao dia de hoje, desconfiamos de bandeiras, de rostos identificáveis demais e preferimos nos perguntar pela relação de uma potência humana qualquer na relação com a Terra e como nessa tensão um território, que sempre é existencial, pode emergir. Um território intensivo que não se deixa localizar e avança pelas bordas do precário em impensadas direções. A figura da floresta talvez seja um modo de tangenciar este "território", onde o humano entra em fricção com a Terra, seja porque a percebe como uma paisagem alheia ou porque se faz paisagem sem fundo ou contorno com ela. A cada gesto, territórios existências são modulados, modos de existir com a Terra são inventados. De modo silencioso ou não tão silencioso, o humano avança na Terra (Reign of Silence, Mapas, Aequador), mas o povo da Terra não ficará em silêncio (Ymá Nhandehetama). É por isso que seremos dignos de entrar na floresta, é fazer de seu silêncio o mais vivo grito, onde territórios e modos impensados de habitar a terra ganhem expressão. Quem sabe, um habitar espiritual (Xapirimuu), um habitar onde possamos abandonar nossas peles humanas demais (Undergrowth).

Curadoria de Sebastian Wiedemann

Reign of Silence – Lukas Marxt , 7'20", Áustria, 2013

Mapas – Oscar Guarin Martinez, 3'21", Colômbia / Brasil, 2014

Aequador – Laura Huertas Millán, 19', Colômbia / França, 2011

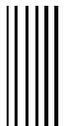
Ymá Nhandehetama – Armando Queiroz, Almiros Martins e Marcelo Rodrigues, 8'20", Brasil, 2009

Xapirimuu – Orssarara Collective, 6'30", Colômbia / Brasil, 2016

Undergrowth – Robert Todd , 11'30", USA, 2011

Sobre o curador

Sebastian Wiedemann é editor e curador em Hambre | espacio cine experimental.



BIM*

Territorialidades

A memória da América Latina está sendo construída, ou melhor, reconstruída após as fraturas institucionais. A intervenção estrangeira gerou várias lutas fratricidas nestas nações. Independente desses eventos históricos, o interessante é que eles geraram a revisão do nosso passado imediato, deixando os grandes épicos, ou melhor, imaginando como esses grandes épicos intervieram nas narrativas particulares de cada uma das famílias ou indivíduos de uma sociedade que não consegue se pensar hoje como uma comunidade. O território e sua memória do cotidiano estão imersos em relatos íntimos do passado recente de nossa história coletiva, mas longe de se tornarem pactos familiares.

Distância – Joaquín Pedretti, 8'8", Argentina, 2009-2016

Ezeiza – Cristina Motta, 10'40", Argentina, 2013

Oito construções imaginadas por oito operários de construção – Eliana Otta Vildoso, 5', Peru, 2012

Huancayo – Camila Donata Ciccone, 37', Argentina, 2014

*A Bienal da Imagem em Movimento (BIM) é um espaço dedicado inteiramente à criação audiovisual experimental. A intenção é criar um ambiente adequado para a exibição de obras audiovisuais, bem como proporcionar um espaço de reflexão sobre as questões estéticas que implicam essas práticas.

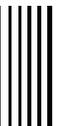


Oito construções imaginadas por oito operários de construção





Huancayo



MFL - mostra do filme livre

Quando a luz apaga, o sonho começa

Apresentar e explorar modos pelos quais se torna possível construir visibilidades, inteligibilidades e modos de compreensão do mundo podem certamente estar entre as possíveis definições do cinema. Em todo caso, mais do que um desejo por definições que levam a limitações e restrições, a sessão programada em parceria com a Mostra do Filme Livre apresenta multifacetadas visões sobre o que pode o cinema enquanto linguagem, colaborando na discussão sobre os territórios que nos atravessam. Como fazer com que o mundo se mostre e, nesse processo, nos mostre a nós mesmos através do cinema?



E

O espaço de criatividade, que nada mais é que o espaço possível de uma liberdade sonhada, ganha contornos hipnóticos quando levados para a *instalação-cinema*, na qual a imagem é trabalhada no meio do caminho de um território mutante. Território de mim, de ti, o cinema cria um espaço que delimita em um quadro enquanto que, ao mesmo tempo, em suas dobras, expõe a importância de se abolir fronteiras, hibridizar-se, devorar cercas e diluir-se no infinito dos significados e sensações que provoca. Território último e primeiro, campo de disputas incansáveis como, aliás, toda boa disputa, o corpo surgiu como primeira possibilidade para nortear esta programação devido, talvez, por ser esse vórtex através do qual as ideias e os desejos estão constantemente emergindo. Por isso *As Ondas* ter sido um filme indispensável: a proposta de Juliano Gomes e Léo Bittencourt, ora contemplativa, ora hipnótica, ao fugir das tramas antropomórficas e instalar-se como ruído no próprio corpo do observador, cria um bloco de sensação que o atravessa, fluindo pelo seu sistema nervoso central e explodindo em êxtase sensorial. De forma semelhante em relação à sua importância, os territórios estipulados pelos acordos sociais, territórios espacialmente definidos e geolocalizados, foram também inevitáveis no tensionamento dessa costura visual. Primo primeiro dos sonhos, os territórios se afirmam como delírio de exclusão e autoproteção em constante metamorfose. O filme de Alexandre Wahrhaftig, Helena Ungaretti e Miguel Antunes, *E*, tenciona dialeticamente o que é mostrado com as vozes em *off*, em um diálogo com territórios da lembrança que, partindo de um passado (re)imaginado, se plasma às imagens de um presente que transforma territórios afetivos, como cinemas e casas, em estacionamentos. Enquanto isso, o *Diário de bordo*, de Bruna Lobo, volta-se contra o que se quer estático em um movimento que evidencia as distâncias dos corpos e dos países, um jogo fragmentado permeado por certa perspectiva *flanêur* em



Confidente

frente aos deslocamentos e acontecimentos que nos cercam na contemporaneidade, invadindo nossa consciência através das telas que carregamos conosco. A obsessiva desconstrução da imagem em *Confidente*, de Karen Akerman e Miguel Seabra, estabelece um forte diálogo com a vertente do cinema experimental encabeçada pela figura de Martin Arnold.

Há quem diga que o presente se constitui pelas imagens que sobrevivem nele, que lhe são sincrônicas. Sendo assim, seriam as imagens que dominam a relação com o passado, e não o passado propriamente, revelando o arenoso território do arquivo revisitado no agora. Para além de pequenos lampejos sobre os filmes as perguntas permanecem: o fluxo das imagens em movimento poderia de alguma maneira esgarçar os limites dos nossos territórios subjetivos? O que nasce do entrelaçamento entre a imaterialidade das imagens na tela do cinema e as imagens virtuais produzidas pelo corpo em nossas telas mentais? Ou melhor, o que retorna em nós? É preciso sonhar.

Curadoria de Diego Franco*

E – Alexandre Wahrhaftig, Helena Ungaretti e Miguel Antunes Ramos, 17', 2013

Diário de Bordo – Bruna Lobo, 12', 2016

Confidente – Karen Akerman, Miguel Seabra Lopes, 12', 2016

As Ondas – Léo Bittencourt e Juliano Gomes, 13', 2016

*Diego Franco é curador da Mostra do Filme Livre.



LEC – laboratório de cine experimental

MÉXICO (Elena Pardo & Morris Trujilo)*

350 MYA – Terra Long, 5', Canadá / Marrocos, 2016

Tempo Ar – Bruno Varela, 29', México, 2014

Sonho de Arizona – Lourdes Villagómez, 8', México, 2010

Paradox of Praxis 5 – Francis Alÿs, México, 2015, 8'

Almanaque Lunar – Malena Szlam, 4', Canadá / Chile, 2013

Matamoros – Edgardo Aragón, 22', México, 2009

Olhar plano – Andrés Jurado, 7', Colômbia, 2017

Desaparecer – Elena Pardo, Manuel Trujillo, 4', México, 2017

Elena Pardo e Manuel Trujillo (Morris) são criadores do
LEC Laboratório Experimental de Cine - México



Desaparecer



EIFF

Gestos e Texturas: Cinema Experimental Contemporâneo do Reino Unido

A Grã-Bretanha tem uma forte tradição de cinema experimental, com a London Filmmakers Co-op, criada em 1966, criando um legado importante para os artistas contemporâneos. O enfoque estilo *faça você mesmo* e abordagem artesanal da Cooperativa deu origem ao trabalho que envolveu o espectador em uma consciência do material do filme ao invés de atraí-los para representações ilusionistas. O cineasta-teórico Peter Gidal descreveu essa tendência como filme "estrutural / materialista". Embora o trabalho contemporâneo volte a algumas dessas estratégias formais, faz isso com um elemento de ironia e um interrogatório brincalhão, explorando materiais dentro de um contexto mais amplo do ambiente físico.

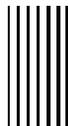
Este programa apresenta uma visão geral do trabalho que está sendo produzido na Grã-Bretanha, com particular ênfase em materiais, superfícies, gestos e texturas. A maioria dos filmes foi feita em 16mm, trabalhando com restrições temporais (o rolo de 30 metros) ou especificidades de material. Todos os filmes são de alguma forma performáticos, seja diretamente - a encenação das ações dos cineastas em *Barulho Abjeto*, *Alinhamento* e *Mancha Dupla*, bem como o corpo do dançarino em *Para Maynard* - ou indiretamente - esfregando a superfície do filme para criar imagens em *Primal* ou esfregando texturas para criar som em *Atração*. Juntar estes filmes é uma ênfase nos corpos e empatia corporal, e o programa termina com uma meditação poderosa sobre diferentes formas e forças da fisicalidade, tanto humanas como não humanas.



Primal



Alinhamento





Mancha Dupla

Kim Knowles*

Barulho Abjeto (Abject Noise) – Bea Haut, 3', UK, 2014

Atração (Attraction) – Martha Jurksaitis, 11', Reino Unido, 2014

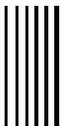
Alinhamento (Aligning) – Jenny Baines, 3', Reino Unido, 2013

Mancha Dupla (Double Dapple) – Mary Stark & David Chatton Barker, 3', Reino Unido, 2016

Primal – Vicky Smith, 10', Reino Unido, 2016

Para Maynard (For Maynard) – Tanya Syed, 26', Reino Unido, 2016

*Kim Knowles programa a vertente experimental *Black Box* do Edinburgh International Film Festival desde 2009.





Capitalismo: Trabalho Infantil

PHOTOFILM

Por Fotofilmes entendemos filmes que consistem essencialmente em fotografias. As fotografias colocadas em um contexto cinematográfico criam uma experiência filmica. Em Fotofilmes, o meio filme é dissecado em seus componentes. Os autores de filmes fotográficos experimentam a relação entre texto, som e imagem, refletindo sobre a composição cinematográfica. Eles nos levam a pensar cinema.

Katja Pratschke & Gusztáv Hámos*

O programa que apresentaremos é uma declaração política e uma forma de batalha. É um meio farpado e atraente de apresentar de forma concisa e muitas vezes brusca. Quase nunca elaborado em detalhes, pode ser excessivamente simplista às vezes, e sempre estar ligado ao momentâneo, mas além de ter algo fugaz, também mantém a urgência. É sempre agitação e, como prática cultural, desfrutou de uma longa tradição. Partiremos de DER UNSTÄNDIGE HAFENARBEITER, onde Leonore Mau e Hubert Fichte descrevem a rotina diária de um trabalhador portuário casual que se encontra no fundo da hierarquia do trabalho. As fotografias e as palavras fornecem uma visão analítica das condições de trabalho capitalista e da cultura de lazer dos "casuals". Todos os filmes reunidos aqui pretendem intervir politicamente, se envolver, informar e escandalizar - e isso em um formato curta-metragem.

DER UNSTÄNDIGE HAFENARBEITER (A Day in the Life of a Casual Dock Worker) – Leonore Mau, Hubert Fichte, 13', Alemanha, 1966

CAPITALISMO: TRABALHO INFANTIL – Ken Jacobs, 14', EUA, 2006

CINÉ-TRACTS – Godard & Resnais, 9', França, 1968

APHASIA – Li Chen, 10', EUA, 2013

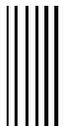
AGORA! – Santiago Álvarez, 6', Cuba, 1965

COMPARANDO AGORA E ENCONTRO – Nina Wiesnagrotzki, 6', Alemanha, 2012

A CCA REVOLUÇÕES (The Revolution Hunter) – Portugal / Reino Unido, 2014

MUITO AGRADÁVEL, MUITO AGRADÁVEL – Arthur Lipsett, 7', Canadá, 1961

*Gusztáv Hámos e Katja Pratschke, desde 1999, têm trabalhado com imagens estáticas em um contexto cinematográfico em espaços expositivos e no cinema.



Curta Oito - festival internacional de cinema Super-8

Pelas 12 edições do Curta Oito, tradicional festival internacional de cinema Super-8 de Curitiba, muitos filmes já passaram – curtas, médias, longas, experimentais, domésticos, ficções, documentários, videoclipes e assim vai.

A convite da Mostra Strangloscope, voltamos os olhares para estes 12 anos desde a fundação do nosso festival e vasculhamos nossos acervo para trazer um olhar que, da forma como pensamos o Super-8, está impregnado em suas entranhas: um olhar que busca, que procura novas formas de impressionar a película e os olhos, um olhar que fura o filme e sangra a vista, que altera nossos modos de ver e de sentir o mundo. Um olhar que enxerga no inusitado a poesia, que distorce o que vemos para endireitar nossas vistas tão cansadas de tanto ver o que é padrão.

Insomnia





Olhar Espelhar

Selecionamos alguns filmes que ficaram em nossas retinas depois de anos de festival: filmes procedentes de várias partes do mundo, mas que têm em comum o transbordamento não só das fronteiras fictícias geograficamente impostas como barreiras que se pretendem quase físicas entre os países, mas também o extravasamento do imaginário que fertiliza a película e faz crescer até pelo, grão, poeira e rabisco na superfície abismática e transcendental destes petardos superoitísticos!

Apresentamos nesta sessão filmes que propõem, cada um a sua maneira, o esgarçamento e a experimentação de novas fronteiras, ou melhor, que propõem a queda dessas barreiras em prol do livre trânsito de imagens e sons, e o que há de mais belo nisto tudo: uma experiência sensorial distinta do que vemos replicado pelas infundáveis telas que se apresentam a nós todos os dias em smartphones, computadores, televisores e tal.

Fábio Allon*

- O Cinema segundo Luiz Rô – Renato Coelho, 3'20", Super-8, Brasil, 2013**
- Visão 2013 para Roberto Piva – Priscila Betim, 3'20", Super-8, Brasil, 2013**
- Vermelho 02 – Débora Zanatta e Eleniza Dezeniski, 3'20", Super-8, Brasil, 2015**
- Collide-o-scope – Naren Wilks, 3'09", Super-8, Reino Unido, 2010 - (projeção digital)**
- Ensaio – Rodrigo Cook, 3'09", Super-8, Reino Unido, 2012**
- Olhar Espelhar – Mateus Almeida, 3'09", Super-8, Reino Unido, 2015**
- Tudo Cabe – Camila Battistetti, 3'09", Super-8, Brasil, 2012**
- For Plus-X – Paulo Abreu, 2'45", Super-8 (projeção digital), Portugal, 2010**
- Insomnia – Ernesto Baca, 5'36", Super-8 (projeção digital), Argentina, 2016**
- Plant in my head – Pedro Maia, 10'38", Super-8 (projeção digital), Portugal, 2013**
- Película Sudorosa I – David Domingo, 10'30", Super-8 (projeção digital), Espanha, 2009**

*Fábio Allon é diretor, roteirista, curador de filmes e um dos organizadores/realizadores do Curta Oito – Festival Internacional de Curta Oito de Curitiba.

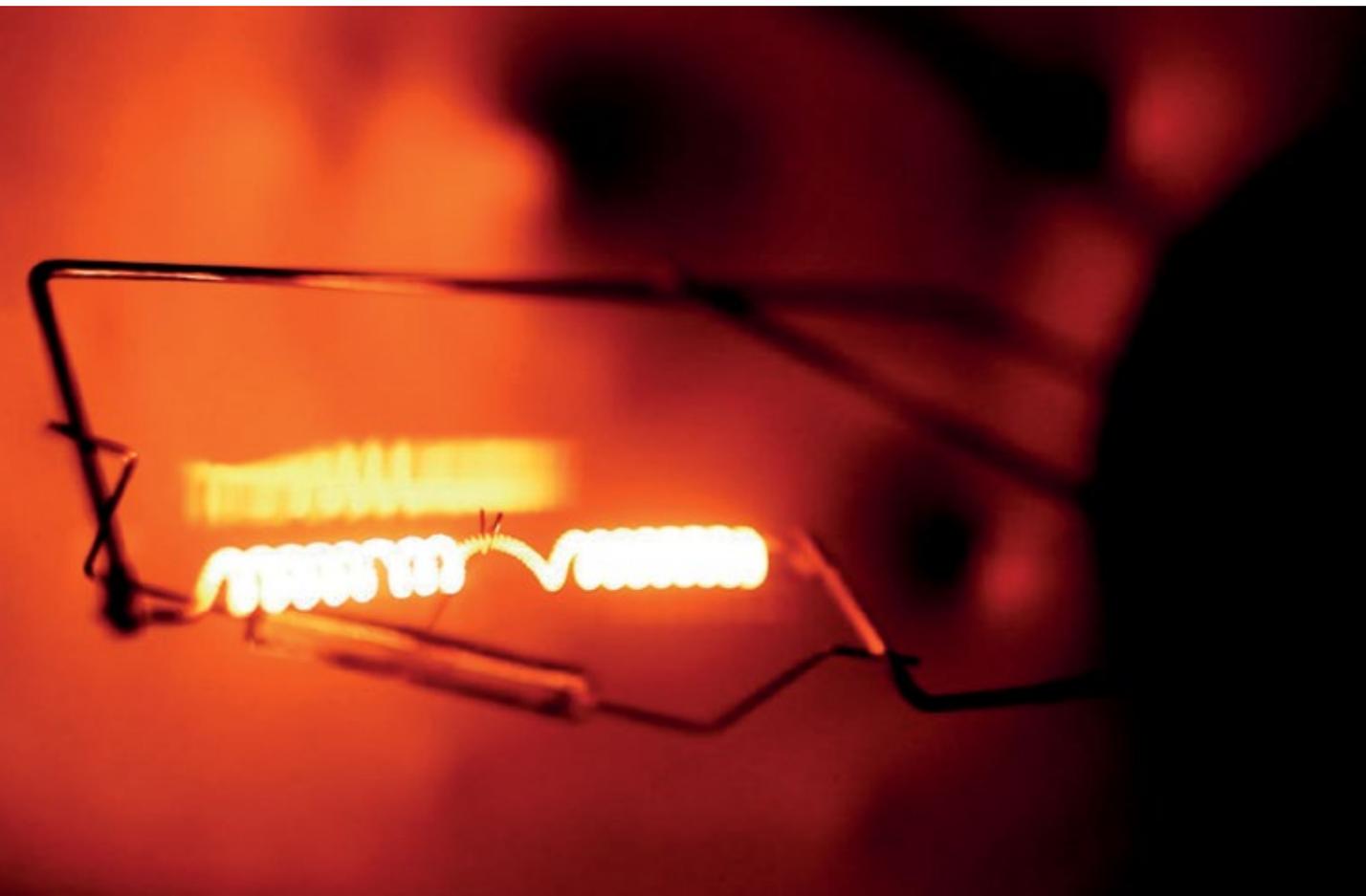


MARFICI, Festival Internacional de Cine Independiente de Mar del Plata, Argentina

"Trem de Sombras"

Trem de sombras está dedicada àquelas produções que se afastam das convenções de linguagem audiovisual para explorar os limites da imagem e desafiar sua capacidade de representação. Inaugurada no ano de 2013, durante a nona edição do Marfici, Festival Internacional de Cine de Mar del Plata, a sessão – cuja curadoria está a cargo do grupo Fellini A Tierra de Cine – toma seu nome de uma expressão que, em 1896, o escritor russo Máximo Gorki lançou ao escrever suas impressões sobre o cinematógrafo dos irmãos Lumière que acabara de conhecer.

Fahrenheit 4.33



A novidade científica que projetava representações visuais aparecia ante os olhos de Gorki como uma distorção de tudo o que, se assumia, era a realidade. As características desse artifício, as formas planas, a ausência de cor e som, a mecânica dos movimentos, perturbavam precisamente devido à sua distância das formas de representação conhecidas, que replicam como tranquilizantes o mundo cotidiano tal como o percebemos. Para se referir à ferrovia que atravessava a tela desse filme germinal usava a expressão "trem das sombras". Assim, expressou sua visão da capacidade da câmera de capturar e reproduzir apenas um rastro, evidenciando o caráter artificial de um dispositivo que apenas para um olhar ingênuo poderia ser capaz de capturar o real.

Essa inovação tecnológica, espetáculo de feira, tornou-se a forma mais poderosa e popular de entretenimento do século XX. Neste processo de desenvolvimento e expansão, um código de representação adquiriu o domínio do discurso audiovisual. Suas convenções foram baseadas nas características da imagem cinematográfica que propiciaram a ilusão da realidade. Logo acabamos por deixar de perceber o artifício e naturalizamos a sua mediação.

Mas, felizmente, persistiram certas rachaduras ou nichos em algumas produções desafiadoras. A reflexão sobre este olho mecânico, a câmera, criador de distorções e deslocamentos, se expandiu e fortaleceu nas últimas décadas do século XX, quando o filme e o vídeo entraram em contato. Do fotoquímico ao digital, este registro audiovisual não deseja reproduzir, mas deslocar, criar de forma plástica, criativa e alternativa. Neste território, os sinais se combinam para construir uma linguagem autônoma e diversa que explora e experimenta sem o intuito mimético.

Curadoria de Verónica Paz – Oscar Álvarez – Jorge Cappelloni*

FAHRENHEIT 4.33 – Fred L'Epee, 13', Suíça, 2016

INTEMPÉRIE – Luján Montes, 9', Argentina, 2014

HISTÒRIA D'UN OBJECTE – Carlota Castells Puig, 10', UK, 2015

HERI PRIMUN – Camelia Mirescu, 3'18", Itália, 2016

MOI MEME – Ty Bess, 2'51", Reino Unido, 2011

ABECEDARIO / R – Colectivo Los Ingrávidos, 12', México, 2014

*Verónica Paz – Oscar Álvarez – Jorge Cappelloni são programadores do Festival MARFICI.

MOVE CINE ARTE*

Interterritorialidades

Os filmes e as placas tectônicas de vida e de obra

Os dois filmes que compõem esse programa fizeram parte da seleção oficial e estiveram entre os premiados da edição 2017 do MOVE CINE ARTE, festival internacional de filmes sobre arte que acontece em Veneza, São Paulo e Paris.

Amarillo Ramp (Bill Brown and Sabine Gruffat - USA) é um filme que revisita a última obra de Robert Smithson. Numa reaproximação imersiva, a câmera descreve o estado atual da obra, não deixando os autores de buscar traços do processo e propondo uma intervenção do olhar no lugar, realizando uma percepção da paisagem que vai muito além da observação. Interventiva, a presença da equipe resgata maneiras de experimentar a obra sobre a qual Smithson sobrevoava quando seu avião caiu fatalmente. Essa relação entre uma obra que é conhecida como um exemplar de intervenção na paisagem natural, a situação intervencional do filme que a reaviva e a fatalidade do acidente que coloca um fim à vida do artista promove um jogo instigante entre vida, morte, memória em que as camadas sobrepostas ao longo da fruição da película nos fazem deslizar sobre os diversos territórios da arte, em que a um só tempo se juntam num espaço a paisagem natural, a sua recomposição, a sua filmagem, a fatalidade de uma narrativa biográfica.

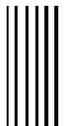
Fatalidade essa que se vislumbra no material de arquivo remontado de A Deusa Branca (Alfeu França, Brasil) na fracassada expedição do artista Flávio de Carvalho pela Amazônia, feita em 1958, no sonho de realizar um filme de ficção. A brutalidade das condições naturais impuseram à viagem obstáculos insuperáveis, restando o material filmado jamais montado. Histórias de bastidores de intrigas e paixões entre a equipe de filmagem adensavam as dificuldades naturais e impunham questões muito humanas à impossibilidade de narrar uma ficção nessa viagem que, por si, ganhava contornos nada realistas. A remontagem desse material pelo diretor Alfeu França também faz deslizar esse território do desejo sobre o material captado e este, por sua vez, sobre a inóspita paisagem da floresta tropical. Impossível assistir ao filme sem pensar que as imagens teriam sido feitas para compor um filme de ficção, mas acabaram por contar um episódio (sur)real na vida do artista.

Se ambos os filmes nos permitem pensar nessa relação entre os artistas, suas obras e fatos importantes de suas próprias vidas, promovem ainda a potencialidade das relações de estratégias e de registros entre o documental, o ficcional e a intervenção que o cinema propõe ao se debruçar sobre outras obras.



Amarillo Ramp – Bill Brown and Sabine Gruffat, 24'09", USA, 2016
A Deusa Branca – Alfeu França, 30'53", Brasil, 2014

*O MOVE CINE ARTE é um festival internacional de cinema dedicado exclusivamente à exibição de filmes de arte e sobre arte. Andre Fratti Costa e Steve Bisson são curadores e diretores artísticos do MOVE CINE ARTE 2017.



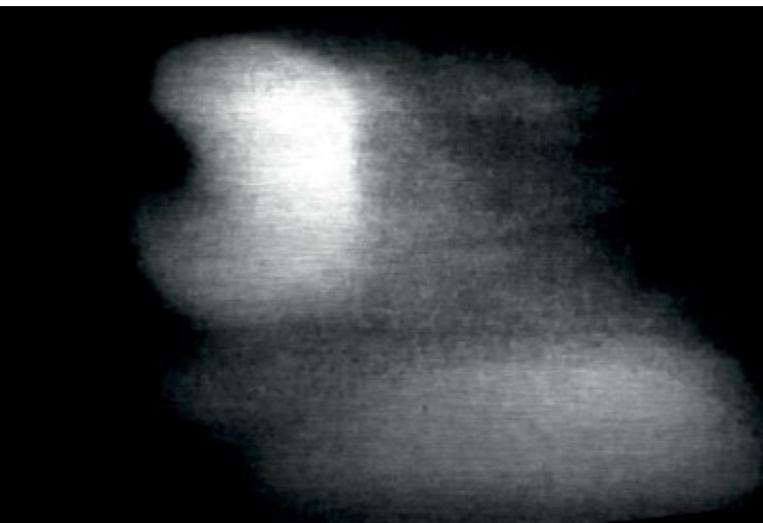
PHENOMIA - CRATER LAB*

Cine experimental espanhol

CRATER-LAB apresenta um programa de películas experimentais realizadas por autores espanhóis que exploram o meio cinematográfico através de técnicas e procedimentos não convencionais, gerando relações entre formatos argênticos, analógicos e digitais. Uma seleção que coloca o foco no valor da experimentação, tanto formal como conceitual, revelando a força de obras que propõem ao espectador um olhar singular, fraturado, evocativo e implicitamente desconstrutivo. Películas que manifestam múltiplos métodos e marcos de composição cinematográfica, transfigurando-se entre a fragmentação da imagem ou sua repetição, o tratamento da matéria filmica, o uso de diferentes suportes, a apropriação, a montagem e desmontagem, a intermitência ou, inclusive, o tempo de contemplação de um frame. Estas são algumas das evidências que expressam a dimensão criativa (fenomenológica e alquímica) dos últimos tempos do cinema experimental espanhol no auge de seu crescente reconhecimento nacional e internacional.

Psycho 60/98





Answer Print

PHENOMIA, uma seleção itinerante e mutável que se expande por distintos espaços e contextos mais além do Crater-Lab.

Sin Dios ni Santa María – Samuel M. Delgado y Helena Girón, 11', 16mm (projeção digital), 2015

This Boogeyman (Bicho-Papão) – Pere Ginard, 3', super-8 (projeção digital), 2016

Listen to me – Carla Andrade, 7', Super-8, digital, 2016

Answer Print – Monica Saviron, 5', 16mm (projeção digital), 2016

Film Quartet / Polyframe – Antoni Pinent, 9'24, 35mm (projeção digital), 2006-2008

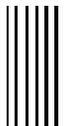
Pixel Jungle – Klara Ravat, 3'26", 16mm, 2015

Psycho 60/98 – Blanca Rego, 6'18", vídeo, 2016

40" of a frame – Albert Triviño, 40", Super-8 (projeção digital), 2009

The Kiss – Luis Macias, 8'50", 35mm (projeção digital), 2015

*CRATER-LAB é um laboratório de cinema analógico autogestionado por artistas, situado em Barcelona.



RISCO Cinema - FILMES YURI FIRMEZA

Curadoria de Luiz Garcia*

Cisão – Yuri Firmeza, 12', Brasil, 2016

Entretempos – Frederico Benevides e Yuri Firmeza, 7', Brasil, 2015

Nada É – Yuri Firmeza, 34', Brasil, 2014

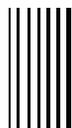


Cisão



Nada É

*O Risco Cinema, desde 2015, desenvolve atividades de exibição, reflexão e disseminação de cinema experimental através de sessões regulares, mostras, cursos voltados para a difusão dessa prática de cinema. A proposta é criar um espaço aglutinador capaz de promover um entendimento mais intenso e abrangente sobre filmes de outras poéticas e reunir realizadores, pesquisadores e curadores brasileiros e estrangeiros interessados no tema. Luiz Garcia é doutor e mestre pela Universidade Federal Fluminense e desenvolve pesquisa sobre cinema experimental. É fundador e programador do Risco Cinema.





River Film

FOCO HELDER MARTINOVSKY

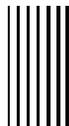
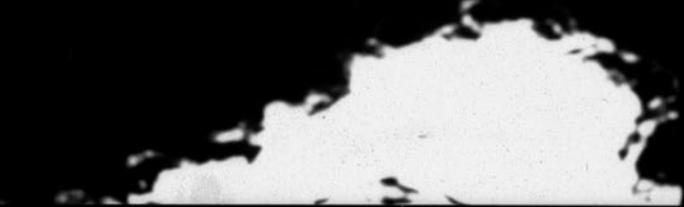
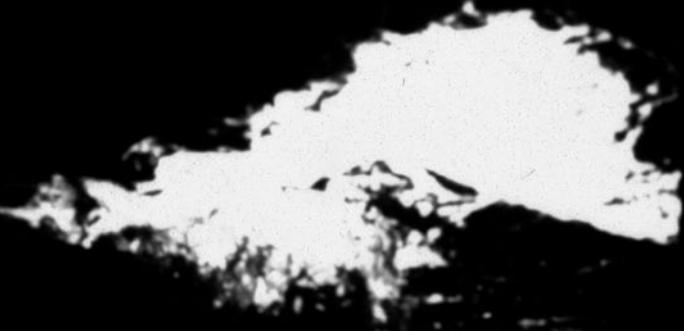
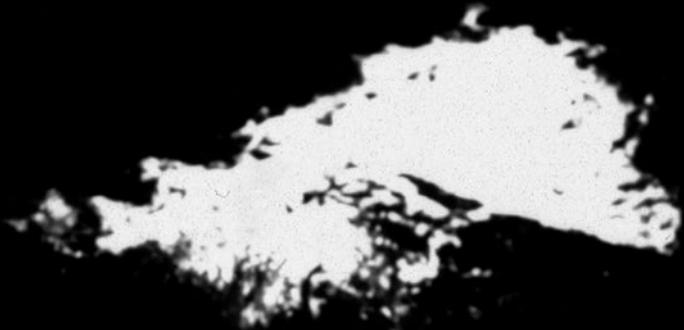
DEVIR RIVER

CURADORIA DUO STRANGLOSCOPE

“Acho que, na base da arte, há essa idéia ou esse sentimento muito vivo, uma certa vergonha de ser homem, que faz com que a arte consista em liberar a vida que o homem aprisionou. [...] Vemos isso claramente no que fazem os artistas. Quer dizer, não há arte que não seja a liberação de uma força de vida. [...] O mundo não seria o que é sem a arte. As pessoas não aguentariam.” (Deleuze, 1988-1999)

Me vejo no que vejo
Como entrar por meus olhos
Em um olho mais límpido
Me olha o que eu olho
É minha criação, isto que vejo
Perceber é conceber
Águas de pensamento
Sou a criatura do que vejo.
Blanco, poema de Octávio Paz, 1966





DEVIR RIVER

Penso que a Arte e seus processos poéticos acessam, abordam, emergem, revelam e pulverizam nos nossos afetos tantos aspectos da existência... Sou a criatura do que vejo.

A imagem cinema me olha e em sua superfície, em sua materialidade, nas forças que coloca em contato com a minha sensibilidade, talvez possa encontrar, na dobra do pensamento, um espaço vivo da obra em mim.

É o que me solicita o trabalho de Helder em River Film.

Apropriações sensíveis de uma poética gerada na fricção do contato entre o que vibra na pele do filme, em suas ranhuras e partículas materiais.

Como disse Stan Brakhage, a imagem é anterior ao verbo.

Devir Rio e Devir Filme é o que uma imagem ofereceu a um homem enquanto proposta de processo artístico = experiência de percurso. Um homem em seu curso obstinado em deixar-se ir ao encontro de um rio.

Per curso, per passar, per. Estar entre até ser com. Per(a)cepção. Perceber, mais do que conceber uma imagem, é estar lá, com ela.

Todo o processo de penetrar a natureza da paisagem demandou um esforço físico de deslocamento mais do que uma vontade de sair da inércia. A partir da força e da habilidade corporal, um corpo habitado por um desejo sobe numa bicicleta e transpõe diferentes tipos de terreno mais ou menos acidentados. Ele busca o rio. Ele encontra a imagem. Encontrar a imagem, lá onde ela está originalmente, conhecer-lhe os segredos e detalhes, força e ambiguidades pede o tempo e a disposição de ir ao encontro, ver. A imagem é um abismo.

Lá está o rio, a imagem que ele percebe como o rio.

Lá está ele, seu olhar e sua câmera.

O desafio do encontrar. Olhar, perceber, encontrar a imagem, o plano, o quadro, o movimento, o tempo. Tudo isso já é River Film. Mesmo antes da imagem se concretizar em filme, já é devir river.



Ele se movimenta, ele escolhe onde, a partir de que ângulo, em que quadro estabelecer o contato com aquela imagem que possa dar a ver algo. Algo que é o rio, mas que também não é. Algo que está ali, no entre. O rio pede que ele entre. Perpasse a imagem, perceba e sinta seu movimento, sua intensidade, aquilo que vibra como o que se poderia ouvir ao buscar escutar o que seria o som de uma imagem. O rio vibra. O homem vibra. A película vibra. A imagem vibrará.

O contato com a experiência filmica de revelar o que não estava presente ao olhar natural, a percepção e a sensibilidade de encontrar uma forma a partir da operação de fratura de sua materialidade, prover os sentidos de uma nova possibilidade de conexões imprevisas, toda esta experimentação solicita uma poética das forças até mais do que das formas.

Este homem rio que se dá em processo de busca do rio e da imagem, da imagem e de si mesmo enquanto rio, fluxo, é uma aposta poética nas aproximações possíveis entre elementos vitais que permeiam o contato entre o elemento humano e a natureza. Seu percurso é um convite a mais do que o autoconhecimento ou o conhecimento do rio. Ele nos lança para fora de nós mesmos.

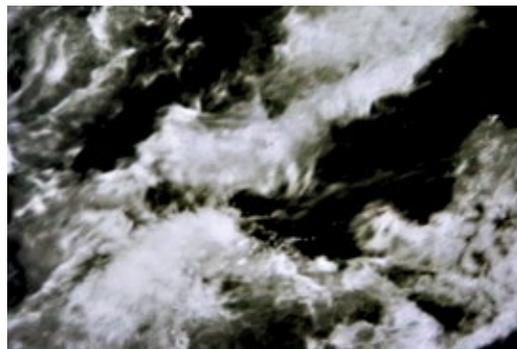
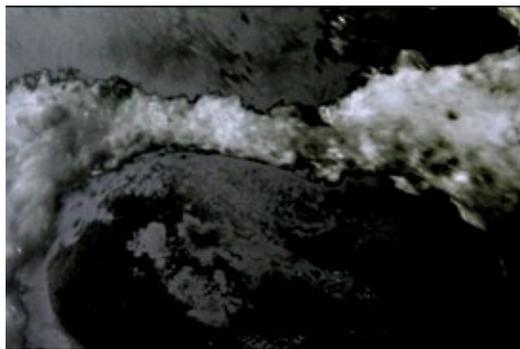
Curadoria Duo Stranglescope

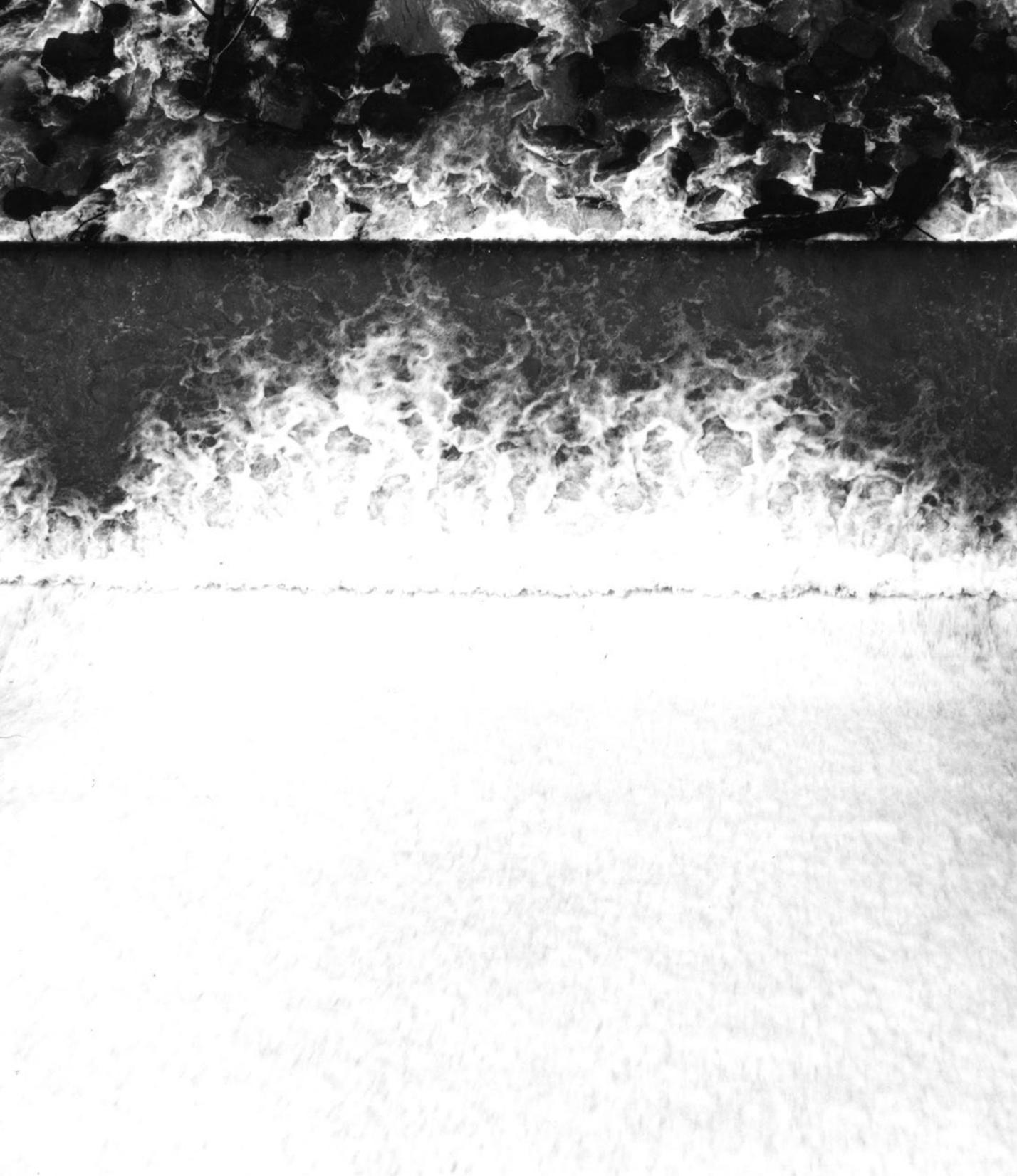
RIVER FILM – TWENTY FOUR HOURS – Helder Martinovsky, 13', 16mm, 2017

RIVER FILM - cíclico perpétuo 2.2 – Helder Martinovsky, 16'26", 16mm (projeção digital), 2013-2016 (Peça sonora executada com contra-baixo acústico)

RIVER FILM 4 – Helder Martinovsky, 5'56", 16mm, 2011-2013 (Peça sonora com "hurdy-gurdy")

*Helder Martinovsky trabalha como fotógrafo e laboratorista fotográfico desde 1997, e em 2002 passa a atuar como técnico e laboratorista nos cursos de graduação em Cinema, Publicidade e Jornalismo, na UNISUL. Desde 2010 desenvolve o Projeto River Film, realizando trabalhos experimentais com filmes (Super-8, 8mm, 16mm e 35mm), tanto na captação das imagens como em processos de revelação e projeção. Realiza também pesquisas na área de música experimental, incluindo a construção de instrumentos e aparatos musicais, desde 1992.





FOCO ANDRÉ PARENTE

“É o momento em que o que vemos justamente começa a ser atingido pelo que nos olha – um momento que não impõe nem o excesso de sentido (que a crença glorifica), nem a ausência cínica de sentido (que a tautologia glorifica). É o momento em que se abre o antro escavado pelo que nos olha no que vemos.”

Didi Huberman*

São obras que se sustentam na autonomia da imagem, que apostam em sua força plástica e fragmentária mais do que na narração ou em qualquer outra articulação de linguagem. Documento, arquivo, ruína.

Dona Raimunda, um personagem, uma paisagem, um acontecimento, uma percepção, uma sensibilidade em contato. Trata-se de acompanhar, estar com, passar por, sem se identificar, ter empatia, ir ao encontro. Da obra emerge o afecto. O transe da circularidade *Circulado*, as mãos pickpocket no *foundfootage* das imagens das mãos de Bresson em *O vento sopra onde quer*, os casulos, colmeias, focos súbitos do olhar sobre o invisível, o que passaria despercebido, as *Ilhas de Pedra*, o que o olhar não encontra, as imagens cotidianas em que nossas pupilas se deixam endurecer até a cegueira passam a ter focos de olhar inseto, mínimo e múltiplo. Passamos a ser “atingidos pelo que nos olha”. Por uma política do afecto.

Dona Raimunda - André Parente, 6'57", Super-8, Brasil, 1977-2015

Ilhas de Pedra - André Parente, 6'52", HD, Brasil, 2016

O Vento Sopra Onde Quer - André Parente, 10'47", foundfootage, 2015

Circulado - André Parente, 5'14", Brasil, 2007

André Parente (www.andreparente.net) é cineasta, artista e pesquisador do cinema e das novas mídias.

*HUBERMAN, Georges Didi. *O Que Vemos, O que nos Olha*. Rio de Janeiro, 34, 1998.



FOCO KIKA NICOLELA

TIDELANDS – 62', Coréia do Sul / Brasil, 2014

TIDELANDS foca na população e paisagem peculiares da ilha Daebu, na Coréia do Sul. O documentário mostra homens e mulheres da comunidade local de pescadores compartilhando suas memórias relacionadas ao mar e às ilhas, antes da construção do muro Sihwa. Esse muro – a maior barragem da Ásia – e o lago artificial homônimo foram construídos para ampliar a indústria local e promover o crescimento urbano; no entanto, tais implementações tiveram um grande impacto no equilíbrio ambiental dessas ilhas, e portanto também nas vidas de seus habitantes e em suas tradições culturais. Planos longos e contemplativos de lugares e elementos da região, assim como dos amplos charcos, barcos, objetos abandonados dos pescadores e as suas casas em estado precário, são entrelaçados com imagens dos participantes falando para a câmera. A comunidade se quebrou com o crescimento do capitalismo, e esse filme permite que sua identidade despedaçada seja lentamente revelada.

Kika Nicolela é cineasta e videoartista. Seus vídeos foram exibidos e premiados em festivais em mais de 30 países, entre os quais destacam-se: Oberhausen International Short Film Festival (Alemanha), Videoformes (França), Japan Media Arts Festival (Japão), Bilbao International Short Film Festival (Espanha), Festival Internacional de Videoarte (Argentina), Mostra Internacional de Cinema de São Paulo (Brasil) e Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil (Brasil).

Aquilo que Fazemos com as Nossas Desgraças – Arthur Tuoto Portugal / Brasil, 2014





Tidelands



INSTALAÇÕES



Aquilo que Fazemos com as Nossas Desgraças

A Territorialidade da Imagem

O que será este objeto audiovisual não-identificado: é afinal cinema? Videoarte? Um vídeo-filme? Um filme-ensaio? Uma instalação narrativa? Pertence a qual das caixas, a branca ou a preta? Sendo assim, que serão todos os objetos audiovisuais não identificados exibidos em maiores ou menores graus de envolvimento & estranhamento desde a primeira edição do Cine Esquema Novo em 2003?

A abordagem curatorial do CEN sempre foi marcada pela permissividade à contradição e exploração - e aos acertos e deslizes inerentes ao processo. Uma abordagem direcionada às perguntas, ao "abrir", e não às respostas ou às legendas explicativas do "fechar". Sem dúvida uma opção codificada, que entrega seus bônus, mas que também é implacável ao cobrar o ônus da incompreensão enquanto ausente de respostas prontas. Algo que equilibramos ao longo dos anos, com a consciência de fazê-lo.

Mas esta entropia / sinergia não existe sozinha: pois o Cine Esquema Novo não é uma obra em si. Um festival, por mais que se problematize, é apenas um reflexo / recorte de uma realidade audiovisual existente. Neste caso, a introduzida e estabelecida no Brasil do século 21 por uma série de fatores. Que passam sobretudo pelo aumento do repertório de autores e audiência, bem como pela expansão do número de pessoas interessadas nestes repertórios. E que, a seguir, passam também pela facilidade, acesso e potencialização criativa permitida pelas ferramentas digitais; pelos becos sem saída representados por fatores tão díspares quanto o monopólio e cartelização do circuito exibidor dos cinemas, a falta de escala do diálogo da videoarte com o cinema, e a transversalidade do "cinema pós-industrial" e seus processos afetivos de produção.

Em edições passadas, o Cine Esquema Novo assumiu enquanto um dos seus *leitmotifs* permanentes a ideia da *Tradição Moderna*, que não foi originalmente desenvolvida a partir da reflexão crítica do audiovisual. Foi o poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano Octavio Paz, Nobel de Literatura de 1990 e reconhecido pela sua atuação e análise da poesia "de vanguarda", que forjou este termo. Que, por sua vez, configura-se enquanto resultado de um pensamento multidisciplinar que percorreu a etnologia, a história social, a antropologia cultural e mesmo a semiótica para ser construído. E que pode ser aqui sintetizado a partir do artigo "Os Paradoxos do Novo: sobre o conceito de Tradição na obra de Octavio Paz", de Maria Esther Maciel:

"Um dos grandes méritos da literatura moderna, segundo Octavio Paz, foi reformular o conceito de tradição a partir da perspectiva do novo. Se, no imaginário clássico, a reverência à tradição se impunha como forma de se perpetuar o passado sem criticá-lo, os escritores modernos fundaram uma maneira criativa de com ela se relacionar: a via da negação.



"Só que a negação, nesse caso, não pode ser interpretada apenas como recusa ou destruição, mas como crítica capaz de manter vivo o passado, de com ele dialogar de forma polêmica e usá-lo de um modo criador. Ou, como resumiu Haroldo de Campos, ter com ele uma relação musical (sob a forma de uma 'partitura transtemporal') e não museológica (enquanto 'coisa morta, preservada em formol e naftalina').

"Ao negarem a tradição greco-romana, centro da cultura ocidental, os poetas modernos estavam, segundo Paz, reconhecendo e revitalizando criticamente essa cultura, imobilizada durante séculos pela força da repetição servil. Reconhecimento que só se tornou possível quando tomaram consciência de a ela pertencerem. (...) Essa ruptura com a tradição central do ocidente provocou, sob a ótica paziana, não só a irrupção da tradição moderna, compreendida enquanto uma sucessão descontínua de tradições provisórias (uma desalojando a outra e fundando uma nova), como o reaparecimento, no seio desta, de outras tradições (...) que ficaram à margem da história.

"Em outras palavras: a negação do passado clássico e a ruptura com a ordem presente recuperou, em nome do futuro, o antigo como novidade - que, por sua vez, configurou-se, paradoxalmente, como recusa das ideias modernas de futuro e de progresso. (...) É nessa medida que o termo paziano *tradição da ruptura* pode designar tanto a ruptura explícita com o passado imediato quanto a ruptura silenciosa com os próprios valores da Modernidade".

De forma a honrar o seu historial contextual, e este fantástico *motivo orientador* inspirado em Paz, o Cine Esquema Novo optou por trazer à Mostra Strangloscope um único "filme", pinçado entre as centenas já apresentados ao longo das suas 10 edições (entre versões competitivas e especiais, representadas pelo Cine Esquema Novo Expandido). "Aquilo que Fazemos com as Nossas Desgraças", trabalho de Arthur Tuoto premiado com o Grande Prêmio do CEN 2014, é este OVNI audiovisual cuja força reside na magnitude com que encapsula uma miríade de elementos políticos, estéticos, formais e conceituais da territorialidade da imagem.

A proposta de Tuoto extrapola, às gargalhadas, aquelas perguntas categorizantes e castradoras relacionadas no princípio deste artigo. Graças a isso, foi escrutinada com fascínio e positivo estranhamento tanto por críticos de cinema quanto das artes visuais: ao "ignorar" tantos guetos de significados, "Aquilo que Fazemos..." alcança um lugar único; um "one size fits all" ao contrário, que acontece enquanto consequência e não enquanto causa. Um trabalho com uma mensagem efetivamente egoísta (enquanto algo pessoalmente obrigatório de ser transmitido) e também altruísta (pois traz consigo uma agenda global à qual ninguém deveria ficar indiferente).

Quem conhece o trabalho de Tuoto um pouco mais de perto percebe a facilidade com que o seu discurso e a sua prática se movem entre o peso e a leveza, a erudição e a cultura pop, a teo-

ria e o empírico - ilustrando assim todas as (con)tradições que amamos proporcionar no Cine Esquema Novo. O filme é integralmente montado a partir de found footage da internet, mas o seu grande protagonista é a tela escura. Há "ação" e pessoas, mas quem se sobressai é a voz off. As imagens ganham sentido uno a partir da montagem, mas o fio condutor é a banda sonora da série de 12 episódios "France/tour/detour/deux/enfants", realizada por Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville em 1978 para (e sobre) o impacto da TV em duas crianças francesas.

As vozes off parecem vir de uma transmissão de outro planeta, mas na verdade são como uma conversa confessional ao pé do ouvido. Existe uma narrativa, mas lembramo-nos dela sobretudo pela remissão da voz off de que existe "uma história a ser contada" - e tal história parece nunca se concretizar, como uma expectativa que surge, desaparece e ressurgue. É cinema, mas também é videoarte. É um longa-metragem documental, mas também é um filme-ensaio poético que deixa um gosto amargo na boca. É ficção, mas também é arqueologia da imagem. É erudito e distante, mas também é íntimo e profundamente tocante a partir de uma realidade captada e transmitida em broadcast. Fala de muitas coisas, mas ao final deixa no coração um vazio – cujo vácuo pode migrar tanto para a resignação quanto para a reação.

É, por fim, uma *produção audiovisual autoral contemporânea brasileira*, caso contrário não estaria em uma competição do Cine Esquema Novo. Mas, felizmente, está a milhas das enésimas tentativas de "entender e revelar o Brasil através da imagem" para simplesmente atirar-se do topo da agenda moral do mundo na altura da sua realização. Por sua vez, desenvolvida na solidão de um único operador criativo, que fez tudo sozinho enquanto conectado à rede, "alone with everybody". Até neste aspecto Tuoto se sobressai: o hermetismo proporcionado pela individualidade deste trabalho corre no sentido inverso da maioria das cooperativas de produção independentes brasileiras. Não há obra coletiva nem "cartografia do afeto" na sua gênese; o que há é um gigantesco "Kid A feeling".

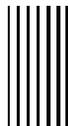
A poesia da imagem defendida pelo Cine Esquema Novo vai sempre abraçar a enormidade abrangida pela *Tradição Audiovisual Contemporânea*: esta visão-statement derivada do conceito de Octavio Paz, que "sacrifica" as certezas do passado, bem como as excitações do presente, para estimular a construção dos desafios futuros. Um "shiny dirty job", que "Aquilo que Fazemos com as Nossas Desgraças" entrega com maestria, e que por esta razão volta a representar de forma singular a produção exibida do Cine Esquema Novo, a exemplo do que aconteceu em 2015 dentro do Fuso - Anual Internacional de Video Arte de Lisboa.

Curadoria de Alisson Ávila*

Aquilo que Fazemos com as Nossas Desgraças – Arthur Tuoto, 60', Portugal / Brasil, 2014

*Alisson Ávila é diretor-curador do Cine Esquema Novo – Arte Audiovisual Brasileira, ao lado de Gustavo Spolidoro, Jaqueline Beltrame e Ramiro Azevedo.





UMA ÁRVORE - Kátia Maciel

Videoinstalação 2009

Uma árvore se movimenta em uma paisagem fixa. Fotografia Isabella Fernandes; Edição Swami Guimarães

A obra da artista investiga o imaginário próprio das imagens em suas relações com a paisagem, os objetos, a palavra e os clichês amorosos. Em seus vídeos e instalações, a influência do cinema é flagrante na escala, na poética do movimento, na desnarrativa, em sua expansão para além da tela como modo de incluir o espectador. Uma certa desrealização do mundo surge em colares que ocultam um rosto, mares que escalam o horizonte, árvores que se movimentam em paisagens fixas, bem como, na distorção entre os objetos e suas funções, e no reviramento na interação do que se vê com o que é visto, na presença de uma imagem que insiste em ser imagem de si mesma.

Kátia Maciel é poeta, artista e professora titular da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Realiza filmes, vídeos, instalações e participou de exposições no Brasil, na Colômbia, no Equador, no Chile, na Argentina, no México, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, na Espanha, em Portugal, na Alemanha, na Lituânia, na Suécia e na China.

Debate com a artista no local da instalação.





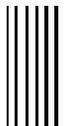
Impermanência - Clélia Mello*

Video-Performance / Técnica: criação e manipulação de imagens digitais / 2017

Expor a si mesmo em fragmentos de arquivos pessoais gravados com tecnologias obsoletas e que foram corrompidos por vírus de computador. Arquivos que foram manipulados e retrabalhados por quase 20 anos; desde vãs tentativas de recuperação da memória e analogias conceituais, saturadas de informações, à fascinação pela força do tempo, às sensações provocadas pela geração de ruídos e camadas que alteraram os originais desaparecidos. Nos registros, as marcas de montagens secas, invertidas e rebatidas desvelam e escondem o jogo de personas-máscaras, adquirindo um efeito espacial anacrônico. Tal qual Eco-Narciso, o que é exposto desaparece, evapora.

*Clélia Mello é artista, pesquisadora e professora no curso de cinema da Universidade Federal de Santa Catarina. Atua com performances imagéticas e artes digitais em proposições colaborativas - curadorias, intervenções, videoarte, instalações, arte pública, live cinema. Desde os anos 90, tem participado de mostras, salões e exposições que se dão em espaços urbanos ou institucionais.

Debate com a artista no local da instalação.



Seres Afetuosos - TiroTTi*

Videoinstalação 2014

A videoinstalação "seres afetuosos" deseja investigar os indícios por meio da relação de elementos da natureza e suas relações afetivas. O registro da trajetória recortada cria relações e formas que permitem revelar instantes poéticos para olhar o início, o presente e a reflexão do que poderá ser um futuro. Por meio da imagem que busca organizar os elementos e espaços cênicos a trazê-los ao espaço expositivo. A essência do indivíduo artista que, em seu processo de produção simbólica, permite construir a essência de uma cultura por meio da leitura estética expositiva.

*TiroTTi é artista audiovisual e atua como professor de cinema, fotografia e vídeo em cursos superiores de artes visuais, design e jornalismo.

Debate com o artista no local da instalação.





CARTAS PARA ABRIR

Pati Peccin e Sarah Pusch*

Vídeo/Instalação - 15'

Não seria o coração um território? O território das fronteiras invisíveis, da clandestinidade. Do espaço raiz, híbrido, tronco, fruta. Frutos proibidos? Qual era mesmo a história do pecado?

Qual o limite de diálogo do meu coração com o seu?

(dentro do meu peito um trajeto gigante, com muitas entradas e saídas, dança sem fim de mistérios clássicos. Qual a história desse fim? como começa?)

A morte não é capaz de finalizar o espaço-corção, a morte esconde, a morte transforma mas não coloca fim.

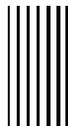
Teias, pontes, cordas, fios conectam minha existência à sua e por isso somos infinitos e eternos? Com o fim (por incêndio ou afogamento) se fecham algumas cartas e se abrem outras.

its a long way.

No trajeto-corpo-corção-mente, as portas estão sempre abrindo e fechando, estão voando, estão sendo reformadas.

"... Abri aquela porta e lá dentro tinha um baú cheio de cartas, as memórias de um futuro saltaram para fora e me ofereceram um leque colorido de caminhos brutos e delicados, precisei escolher... Adeus."

*Pati Peccin é ilustradora e, desde 2016, criou o Selo Patifaria com publicações de livros feitos à mão. Sarah Pusch trabalha com performances.



IN NATURA

Duo Strangloscope

Videoinstalação em 3 canais

Imagens da natureza, belas imagens da flora brasileira em diferentes ângulos e aproximações. Cores vibrantes. As imagens dispostas em seus aparatos e projeção na sala do museu, como que inertes ao que se passa lá fora. Em intervalos regulares, estas imagens sofrerão um distúrbio, um rasgo, um lapso, um corte instantâneo e veloz de outras imagens que lhes tomarão o lugar. Estas imagens corte mal serão vistas, como mal são vistas/registradas em nosso dia-a-dia. Estas imagens das torturas a que diferentes brasileiros estão sendo submetidos hoje, durante o golpe de Estado do Governo Temer. Assassinato de indígenas, apedrejamento de homossexuais, fome, crianças armadas, militares assassinos. E voltamos a ver as flores em sua magnitude e beleza.

Duo Strangloscope (Cláudia Cárdenas & Rafael Schilchting).

Os vídeos e filmes do Duo Strangloscope estão voltados inteiramente para a experimentação, ou seja, para a pesquisa do movimento, do ritmo e da composição com imagens e sons.

Realizam trabalhos de videoarte, filmes experimentais, videoinstalações ou performances sonoras e/ou audiovisuais. Também são os curadores e realizadores da Strangloscope - Mostra Internacional de Áudio, Vídeo/Filme e Performance Experimental.



PERFORMANCES



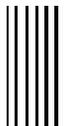
FILME-PERFORMANCE: MESMO O SILÊNCIO É CAUSA DE TEMPESTADE

Luis Macias e Adriana Vila (CRATER LAB)

A tempestade exala através de nós e dos ramos descobertos (cada um e todos), a fim de que possamos tomar emprestada a sua pura e permanente virtude. Perguntamos a nós próprios se as cidades têm ouvido a simplicidade de sua história, apesar de sua solidão. No entanto, elas não foram filtradas pelo fluxo desaguante da noite. Agora elas rastejam. Percíveis, tardias e permanentes, a terra nunca discute. Ela não tem argumentos. Na discórdia, esperamos descobrir sua resposta, como refugiados na ilusória armadilha da ilusão. Agora sabemos que a tempestade se foi. Mas não acreditamos nisso.

Um filme-performance de Luis Macias e Adriana Vila Guevara. Uma exibição de dispositivos de projeção analógicos com *slides* de 35mm, filmes 16mm (feitos por meio de revelação manual, experimentos fotoquímicos e impressão ótica quadro a quadro) combinados com o som criado por Alfredo Costa Monteiro a partir de gravações de campo e dispositivos eletroacústicos, numa experimentação única. Uma experiência sensorial exorbitante na sua relação com a natureza: hipnóticos, sutis e violentos.

*CRATER-LAB é um laboratório de cinema analógico autogestionado por artistas, situado em Poblenu (Barcelona).





RISCO

A performance tem duração de 40 minutos e percorre a interação das diferentes linguagens sonoras de seus membros, sempre buscando inovações no uso de tecnologias para práticas sonoras, como o uso do "SoMo" (Som/Movimento), instrumento criado pelo Tiago Brizolar, que mapeia o movimento humano através de uma câmera para criação de som; o uso de microfones de contato e field recordings de Rodrigo Ramos na criação de música eletroacústica; a poesia e o violino experimental de Flora Holderbaum; e os sintetizadores analógicos e digitais de Obtuso e Diogo de Haro.

R.I.S.C.O. é um coletivo de artistas voltado para a arte sonora e a música contemporânea. Pesquisa o uso de tecnologias aplicadas às novas formas de concepção sonora e musical, ao provocar interação entre performance e diferentes linguagens e modalidades.

É composto por André Godoy, Diogo de Haro, Flora Holderbaum, Rodrigo Ramos e Tiago Brizolar.

Miragem – Música Eletrônica Orgânica

Diogo de Haro*

A alternância não periódica entre translucidez e opacidade de espessas nuvens de ruído sugerem a existência de certos objetos sonoros hora encobertos, hora parcialmente desvelados. Mas essas emergências harmônicas e rítmicas podem ser reais ou imaginárias. Elas ainda podem existir em uma realidade híbrida onde se perderam os limites entre mente, sentidos e realidade concreta. Miragem é uma suíte de música eletrônica que pode assumir diversos formatos suprimindo-se ou acrescentando-se movimentos ou instrumentos conforme o que for disponível e pertinente para a ocasião. A performance sonora e musical parte da manipulação em tempo real de sintetizadores, geradores e sequenciadores analógicos, cujos sons podem ser associados, fundidos ou justapostos aos timbres do piano elétrico ou acústico.

*Diogo de Haro é sintetista, compositor e pianista de formação clássica, atua principalmente em concertos solo de música eletrônica e de improvisações livres ao piano.





Espelho Sonoro - Rodrigo Ramos*

Espelho Sonoro é um projeto de pesquisa de arte em mapeamento sonoro com a intenção de proporcionar uma experiência imersiva nas paisagens sonoras da cidade.

O projeto Espelho Sonoro consiste em uma releitura artístico-tecnológica de um localizador sonoro acústico utilizado durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1919). Tais objetos se assemelhavam a "conchas acústicas" e eram utilizados para localizar o movimento de aviões, navios e tanques no território de guerra.

<http://www.espelhosonoro.com>

*Rodrigo Ramos atua como sound designer em cinema, teatro e artes visuais. Sua pesquisa recente está na composição de música eletroacústica, manipulando ruídos de ambientes e de objetos cotidianos, captados com microfones de contato e hidrofones.

www.rodosound.com

Anecoica

Distribuição e ação

Publicação sonora e impressa proposta pelo Projeto de Ensino “Publicação Anecoica e exposição Espécies de escutas”, desenvolvido na disciplina Instalação Multimídia e no Seminário Investigações sob(re) proposições sonoras, ministrados por Raquel Stolf nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Artes Visuais, do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Florianópolis, em 2016.

Anecoica investiga usos heterogêneos do som e do texto, conceitos e experiências de silêncio/ ruído, espaços sonoros, modos e modulações de escuta articulados em proposições artísticas. Propõe pensar intersecções entre som, texto e contexto, entre silêncios/ruídos impressos e sonoros. Nesta edição, o plano de partida da publicação foi tentar pensar a partir e sob a pergunta: como desfazer a palavra?

Participantes: Adson Loth, Ágata Tomaselli, Airton Jordani, Ana Camorlinga, Ana Carolina Ferreira, Ana Luiza Amaral, Barbara Baron, Bianca Caroline Schweitzer, Bruna Flôr, Bruna Domingues, Carolina Moraes, Clara Meirelles, Débora Moecke, Dolores Donovan, Fabio Wosniak, Gabriela Hermenegildo, Gabriela Todeschini, Guilherme Doze Santos, Joseane Fernanda Bernardo, Juliano Ventura, Kamilla Nunes, Karine Cupertino, Leila Pessoa, Leto William, Luana Navarro, Luanda Olívia, Marcos Walickosky, Mayra Flaminio, Mônica Hoff, Morru, Nycolle Correa, Rafael Schultz, Raquel Stolf, Silfarlem Oliveira, Telma Scherer, Viviane Baschiroto, Viviane Dalla Rosa.

Equipe do Projeto de Ensino: Anna Stolf, Juliano Ventura, Leto William, Luana Navarro, Mayra Flaminio, Silfarlem de Oliveira, Telma Scherer.

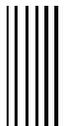
Coordenação: Raquel Stolf.

Participação de Bianca Tomaselli (apoio de Marcos Walickosky).

Projeto gráfico: Anna Stolf.

Edição: Céu da Boca e Editora Nave.

Apoio: Edital PRAPEG, CEART-UDESC.



OFICINAS



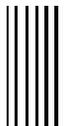
I ENCONTRO INTERNACIONAL DE CURADORES E PROGRAMADORES DE VIDEOARTE E CINEMA EXPERIMENTAL EM FLORIANÓPOLIS

A ocasião de termos na cidade de Florianópolis alguns dos mais importantes curadores e programadores do Circuito Audiovisual Experimental Internacional participando da 10ª edição da Strangloscope – Mostra Internacional de Áudio, Vídeo/Filme e Performance Experimental solicita-nos a organização deste Encontro para debatermos sobre questões que solicitam nossa atenção, reflexão e ação.

Em debate, as possibilidades de difusão e distribuição das obras audiovisuais experimentais em meios virtuais e/ou presenciais; as facilidades e dificuldades que propiciam o circuito das obras em galerias e museus; o que ainda difere no entendimento do que seja videoarte, cinema experimental, performance em cine expandido, etc no meio acadêmico e festivais, mostras, galerias e museus; quais os tipos de censuras, encaminhamentos, cortes, exigências encontrados pelos curadores e programadores junto às instituições patrocinadoras, apoiadoras e espaços de exposição; quais as diferenças territoriais no entendimento destas questões.

As inscrições para falas e debates estarão abertas até 10 dias antes do início da 10ª edição da Strangloscope.

Os debates serão gravados e filmados para uma posterior publicação.



EXPANDED CINEMA - CRATER LAB*

Workshop de CINEMA EXPANDIDO

O cinema expandido é um termo cunhado por Gene Youngblood em 1960, no qual ele descreve um cinema que desenvolve ou se expande para além da consciência, na qual a projeção cinematográfica se transforma e cede para um evento sensorial, seja pela projeção de filmes em todas as suas formas ou através de ações que propõem a reinvenção do próprio dispositivo fílmico.

A partir do conceito de Cinema Expandido ou Cinema Performático, o objetivo deste workshop é abordar diferentes teorias e técnicas de intervenção através de projeções com filme de 16mm e super8, ou sem película alguma.

Focaremos na manipulação da imagem e no som contido na celulóide, adquirindo um conhecimento não só do filme, mas também de instrumentos de improvisação e ação cinematográfica, baseados em luz e suas variantes / variáveis que se concretizam na flutuação luz / escuridão - som / silêncio.

A invenção, criação e apropriação de loops sonoros e visuais, com intervenção a partir de diferentes ferramentas artesanais, será a base do trabalho de improvisação na projeção.

*CRATER-LAB é um laboratório de cinema analógico autogestionado por artistas, situado em Poblenu (Barcelona).



PHOTOFILM: CRISTAIS DE TEMPO E IMAGENS ESTRATÉGICAS

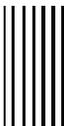
Katja Pratschke & Gusztáv Hámos*

A foto na tela do cinema invoca o futuro autônomo do passado da foto, ao mesmo tempo que invoca o futuro do presente do cinema, através das imagens: sons, música, linguagem e movimentos ou não moventes. No universo do filme fotográfico, prevalece um arranjo anti-hierárquico excepcional da mídia individual, o que muitas vezes não deixa claro o que é causado por isso. O filme fotográfico final de Chris Marker *LA JETÉE* (França 1962) foi o primeiro a demonstrar vividamente que o que é típico do meio cinematográfico não está esgotado pela apresentação do movimento, mas pode ser desenvolvido na estruturação e processamento do tempo.

Durante a oficina de três dias, os participantes terão ensinamentos para fotografar e criar seus próprios filmes. Por Fotofilmes entendemos filmes que consistem essencialmente em fotografias. As fotografias colocadas em um contexto cinematográfico criam uma experiência fílmica. Em Fotofilmes, o meio filme é dissecado em seus componentes. Os autores de Fotofilmes experimentam a relação entre texto, som e imagem, refletindo sobre a composição cinematográfica. Eles nos permitem “pensar” o cinema.

*Gusztáv Hámos e Katja Pratschke, desde 1999, têm trabalhado com imagens estáticas em um contexto cinematográfico em espaços expositivos e no cinema.





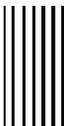
A IMAGEM FORA DA TELA - Thomas Israël*

Materialidade da imagem através de projeção em objeto, espaço e corpo

O objetivo dessa oficina é de apresentar os participantes a uma utilização lúdica, múltipla e criativa da projeção de vídeo com finalidade artística. Liberando a imagem da tela, abrimos um espectro imenso de possibilidades criativas para dar matéria, volume, textura e corpo à imagem em movimento.

*Thomas Israël, artista belga baseado em Bruxelas, propõe obras imersivas e interativas em videoinstalações, esculturas e performances. A imagem nas obras de Thomas Israël chama para o toque; são táteis. O artista se interessa pela atualização da imagem imaterial num contato direto com o espectador, seja através de interfaces interativas, por projeções em superfícies orgânicas (como suas projeções em cavernas) ou por meio da presença física de um corpo que atua e serve como mediador entre imagem e espectador.

www.thomasisrael.be



The background is a complex, layered collage of semi-transparent images. It features multiple instances of a person's face, some showing their eyes and others their hands, creating a sense of depth and repetition. The color palette is dominated by dark, muted tones like deep reds, blues, and greys, with some lighter, desaturated areas. The overall effect is a textured, almost painterly composition.

PROGRAMAÇÃO

Locais

> O Sítio Arte Educação Coworking

R. Francisca Luísa Vieira, 53
Lagoa da Conceição - Florianópolis, SC

> CIC - Centro Integrado de Cultura*

Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5600
Agrônômica - Florianópolis, SC

*O CIC engloba as casas:

- MIS/SC - Museu da Imagem e
do Som de Santa Catarina

- MASC - Museu de Arte de Santa Catarina

- Cinema do CIC

OFICINAS:

Workshop de Performance em Cinema Expandido, com Adriana Vila & Luis Macias, do Crater Lab, Barcelona

Horário: das 14h às 20h

Datas: 3 e 4 de novembro

Local: O Sítio Arte Educação Coworking

Oficina de Photofilm – Cristais de Tempo e Imagens Estratégicas, com Katja Pratschke & Gusztáv Hámos

Horário: das 14h às 17h

Datas: 6, 7 e 8 de novembro

Local: CIC

Oficina A IMAGEM FORA DA TELA, de Thomas Israël

Horário: das 14h às 20h

Datas: 9, 10 e 11 de novembro

Local: O Sítio Arte Educação Coworking

Dia 8 de novembro

Pré-abertura da 10ª edição da Strangloscope
– Mostra Internacional de Áudio, Vídeo/
Filme e Performance Experimental com
abertura da exposição **Strangloscope n'O Sítio**
– **Programas de Videoarte e Instalação**

**4 telas com 4 programas internacionais
diferentes de videoarte, em loop:**

Programa Visualcontainer

Programa Video Art Miden

Programa Timeline

Programa Time is Love Screening

**Instalação do +2,
de André Parente & Kátia Maciel**

Horário: 18h

Local: O Sítio Arte Educação Coworking

**A exposição permanece até o dia
13 de novembro de 2017**

**MASTERCLASS
ANDRÉ PARENTE & KÁTIA MACIEL**

Horário: 19h30

Local: O Sítio Arte Educação Coworking

**Após haverá debate com mediação de
Raquel Stolf**

**Lançamento em Florianópolis
do livro de poemas Trailer,
de Kátia Maciel com
Sessão de Autógrafos**

Horário: 21h

Local: O Sítio Arte Educação Coworking

Dia 9 de novembro

Abertura oficial da 10ª edição da Strangloscope – Mostra Internacional de Áudio, Vídeo/Filme e Performance Experimental no CIC

Horário: 19h30

Local: MIS/SC

Falas de abertura

+ Abertura das exposições de Videoinstalação e Videoarte em telas no MIS/SC

Telas/fones com 9 programas internacionais diferentes de videoarte alternados, em loop:

Programa Now&After (URSS)

Programa Time is Love Screening (Inglaterra)

Programa LAu Focarazzo (Argentina)

Programa Visualcontainer (Itália)

Programa Oblíqua (Portugal)

Programa Video Art Míden (Grécia)

Programa Ibrida (Itália)

Programa Timeline (Brasil)

Programa Códec (México)

Programa AXWFF (USA)

Instalações diferentes programadas diariamente e instalações fixas

Dia 9/11 – instalação Arthur Tuoto

Instalações fixas e criadas para o evento:

CARTAS PARA ABRIR

Pati Peccin e Sarah Pusch

IN NATURA

Duo Strangloscope

Abertura oficial da Exposição

Paulo Meira no MASC

Apresentação de fala sobre processo artístico com o artista Paulo Meira

Horário: 20h

Local: Sala de Vídeo do MASC

Programas em Sala de Cinema:

Local: Cinema do CIC

Programação do MFL -

Mostra do Filme Livre

Horário: 14h

Programa do HAMBRE

Horário: 15h

Programa PHOTOFILM

Horário: 16h

Performance de Cinema Expandido - resultado da oficina do Crater Lab n'O Sítio

Horário: 17h

Programa PHENOMIA - CRATER LAB - Cine experimental espanhol

Horário: 18h

Haverá debate com os curadores Adriana Vila & Luis Macias após a sessão

Performance de Encerramento da noite: R.I.S.C.O.

Horário: 22h

Local: MIS/SC

Dia 10 de novembro

I ENCONTRO INTERNACIONAL DE CURADORES E PROGRAMADORES DE VIDEOARTE E CINEMA EXPERIMENTAL

Horário: das 14h às 17h
Local: Cinema do CIC

Programas em Sala de Cinema:

Local: Cinema do CIC

Programa MARFICI

Horário: 17h

Programa YURI FIRMEZA

Horário: 19h

**debate com o curador
Luiz Garcia após a sessão**

FOCO ANDRÉ PARENTE

Horário: 20h30

debate com o artista após a sessão

Uma árvore, INSTALAÇÃO KÁTIA MACIEL:

conversa com a artista

Horário: 18h
Local: MIS/SC

Performance de Encerramento da noite:

FILME-PERFORMANCE: MESMO O SILÊNCIO É CAUSA DE TEMPESTADE

**Adriana Vila & Luis Macias
Crater Lab, Barcelona**

Horário: 22h
Local: Cinema do CIC

Dia 11 de novembro

Performance Espelho Sonoro, de Rodrigo Ramos

Horário: 14h
Local: Jardins em frente à
entrada principal do CIC

Programas em Sala de Cinema:

Local: Cinema do CIC

Programa LEC

Horário: 15h
debate com a curadora Elena Pardo, México

CURTA OITO

Horário: 16h30
debate com o curador Fábio Allon

EIFF

Horário: 19h
debate com a curadora Kim Knowles

FOCO HELDER MARTINOWSKY

Horário: 20h30
**programa filmes 16mm e performance
do artista sob curadoria
do Duo Stranglescope**

Impermanência, INSTALAÇÃO DE CLÉLIA MELLO

conversa com a artista
Horário: 18h
Local: MIS/SC

Performance de Encerramento da noite:

**Miragem – Música Eletrônica Orgânica
Diogo de Haro**

Horário: 22h
Local: MIS/SC

Dia 12 de novembro

Programas em Sala de Cinema:

Local: Cinema do CIC

Programa Move Cine Art

Horário: 15h

Programa BIM

Horário: 16h

Resultado oficina Photofilm

Horário: 17h

Masterclass Thomas Israël

Horário: 19h

Sessão Tidelands

Horário: 20h

debate com a artista Kika Nicolela

Seres Afetuosos,

INSTALAÇÃO de TiroTTi

Conversa com o artista

Horário: 18h

Local: MIS/SC

Performance de Encerramento da noite:

Performance Sonora Helder Martinowsky & Rafael Schlichting

Horário: 22h

Local: MIS/SC

***DISTRIBUIÇÃO EXEMPLARES ANECOICA**

Dia 13 de novembro

Exibição do Vídeo Making off da 10ª edição da Stranglescope

Horário: 19h

Local: O Sítio Arte Educação Coworking

Resultado da Oficina Thomas Israël

Horário: 20h

Local: O Sítio Arte Educação Coworking

DJ e festa de encerramento até as 22hs

Local: O Sítio Arte Educação Coworking

Créditos

Concepção, organização, produção, realização e curadoria

Duo Strangloscope
(Cláudia Cárdenas & Rafael Schlichting)

Curadores Convidados

Kisito Assangni
Lau Focarazzo
Erick Tapia
Paulo B. Menezes
Joacélio Batista & Sávio Leite
Marina Fomenko
Lili White
Margarita Stavradi
Alessandra Arnó
Francesca Leoni
Sebastian Wiedemann
A Bienal da Imagem em Movimento (BIM)
Diego Franco
Elena Pardo & Morris Trujilo
Kim Knowles
Katja Pratschke & Gusztáv Hámos
Fábio Allon
Verónica Paz – Oscar Álvarez – Jorge Cappelloni
Andre Fratti Costa & Steve Bisson
Luiz Garcia
Adriana Vila & Luis Macias
Alisson Ávila

Tradução de textos

Oliver Cárdenas

Revisão

Vera Collares

Projeto Gráfico

Moysés Lavagnoli

Diagramação

Moysés Lavagnoli
Pietra Gotardo

Apoio Institucional

Fundação Catarinense de Cultura, MIS/SC - Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina, MASC - Museu de Arte de Santa Catarina, Instituto Goethe de Porto Alegre, Secarte/UFSC – Secretaria de Arte e Cultura da Universidade Federal de Santa Catarina, O Sítio Arte Educação Coworking, Embaixada da Espanha no Brasil e Cooperação Espanhola, Sociedad Cultural Brasil-España, Prifysgol Aberystwyth University, PPGAV/UDESC – Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina, Cinemateca Catarinense, Cine Paredão/UFSC, Curso de Cinema da Unisul, Funcine - Fundo Municipal de Cinema de Florianópolis

Agradecimentos especiais

Rodolfo Joaquim Pinto da Luz
Sidneya Gaspar de Oliveira
Mary Elizabeth Benedet
Marina Ludemann
Maria Borges (Dudi)
Clélia Mello
Ana Ligia Becker
Rafael Dias
Rodrigo Hoffmann Herd
Luiz Rosa
Silvana Frate
João Aires
Felipe Vernizzi
Natália Poli
Liz Donovan
Rodrigo Ramos
Marcela Trevisan
Paulo Meira
André Parente
Kátia Maciel
Kika Nicolela
Thomas Israel
Gabriela Golder
Gonzalo Egorza
Kim Knowles
Marcelo Seixas
Pedro MC
Gioula Papadopoulou
Marcos Espíndola
Marilha Naccari



CINE PAREDAO



programa
pós-graduação
artes visuais
mestrado
cent/ufesc



STR
ANG
LOS
COP
E

MOBTRA INTERNACIONAL
DE AUDIO, VIDEO/FILME 4
PERFORMANCE EXPERIMENTAL